FERNANDO AUGUSTO DA SILVA
PRESBITERO E PROFESSOR

A SÉ CATEDRAL DO FUNCHAL

Breve Noticia Histórica e Descritiva

(Separata do livro «Diocese do Funchal» em publicação)

FUNCHAL
EDIÇÃO DO AUTOR
1936

A Sé Catedral do Funchal

TRABALHOS HISTORICOS DO AUTOR:

Elucidario Madeirense --2 gr. vol. (de colaboração com Carlos Azevedo de Menezes)

Paroquia de Santo Antonio da Itha da Madeira.

A Lombada dos Esmeraldos na Itha da Madeira.

Dicionario Corografico do Arquipélago da Madeira.

Camões e a Madeira

A Sé Catedral do Funchal.

No Prelo

A Diocese do Funchal (Subsidios para a sua historia)

Em preparação

A Antiga Escola Medico—Cirurgica do Funchal (Monografia historica)

Antologia de Poetas Madeirenses (com notas criticas e biograficas)

FERNANDO AUGUSTO DA SILVA
Presbitero e Professor

R.129976

A Sé Catedral do Funchal

Breve Noticia Historica e Descritiva

(Separata do livro «Diocese do Funchal» em publicação)

Funchal
Edição do autor
1936

Composto e Impresso
nas oficinas de "O JORNAL"
Rua dos Ferreiros, 42
Funchal

I

Razões da sua edificação

Ainda está infelizmente por fazer um estudo completo ácerca da Sé Catedral do Funchal, em que a sua história, a sua arquitectura e os primores artísticos que ali se encontram, sejam postos em saliente relêvo e descritos com o brilho e com o rigor que na verdade merece aquele suntuoso monumento nacional. Esta falta lamentável deve principalmente atribuir-se ao isolamento e á distância em que a Madeira se acha do continente português, não se tendo ainda despertado a atenção dum escritor consciencioso e de provada competência, que tentasse elaborar essa tão desejada e por muitos títulos interessante monografia.

No entretanto existem valiosos trabalhos sobre diversas igrejas e capelas, que não oferecem, debaixo daqueles aspectos, um tão vasto campo de observação e de estudo, como o que vantajosamente se depara no majestoso edifício da nossa Sé Catedral. Talvez que uma condigna remuneração, concedida por meio dum concurso, provocasse o aparecimento dum trabalho dessa natureza, sendo pouco provável que por outro meio o possamos satisfatóriamente alcançar.

Embora nos escasseiem os conhecimentos indispensáveis para abordar este melindroso assunto, vemo-nos forçados, nesta altura da narrativa histórica que estamos fazendo, a dedicar-lhe umas breves páginas, aproveitando os poucos elementos dispersos que a tal respeito se possam coligir, de par com algumas noções colhidas pela nossa observação directa nas frequentes visitas feitas a esse templo.

Já ficou anteriormente referido que no ano de 1472, quan-

do D. Nuno de Aguiar, bispo de Tanger, tentou anexar á sua diocese o territorio do arquipélago madeirense, foi pelo grão-mestrado da Ordem de Cristo feita a promessa da criação dum bispado com séde na capitania do Funchal, opondo-se energicamente D. Beatriz ás pretensões daquele prelado, que não conseguiram obter despacho favorável. Posteriormente a essa época e por diversas vezes, solicitaram os povos da Madeira, secundados pelos capitães donatarios, o cumprimento da promessa feita, que sómente se tornou uma concreta realidade no ano de 1514. E ao mesmo tempo ia surgindo e tomando corpo a necessidade da fundação duma igreja, que servisse de séde á futura diocese e que digna e apropriadamente correspondesse ao elevado fim a que se destinava, pois que na antiga vila do Funchal não existia qualquer templo, que para isso pudesse sofrer uma conveniente adaptação.

Tem-se muitas vezes afirmado, e isso representa uma verdade incontestável, que se deve principalmente atribuir ao rei venturoso D. Manuel a construção da nossa Sé Catedral, havendo, não só como grão-mestre da Ordem de Cristo mas tambem como monarca, manifestado, por diversas fórmas, o melhor desejo na edificação desse monumento, que na verdade lhe mereceu sempre toda a protecção e o mais desvelado interesse, conforme abaixo mais largamente se verá. Por êsse ponderoso motivo, já foi sugerida a ideia da colocação, no vestíbulo do templo, duma lápide comemorativa daquele facto, que assim seria condignamente perpetuado e que serviria tambem de proveitosa lição para contemporâneos e vindouros.

Com respeito ao tempo, lugar e certas condições do meio, são sem duvida motivo de justificada admiração as amplas proporções que desde o seu início se deram á construção da Sé Catedral. Pouco mais de meio século tinha decorrido após o começo do povoamento, todo o arquipélago não contaria então mais de quinze mil habitantes e o numero de moradores da vila do Funchal mal atingiria cinco mil, segundo se pode depreender da propria Bula da criação da Diocese. A-pesar-de ser relativamente grande o desenvolvimento da população e notáveis as prosperidades materiais que simultaneamente o acom-

panhavam, é todavia certo que não abundavam as indispensáveis fontes de receita para custear uma obra daquela magnitude.

Quasi que deveria apenas contar-se com os limitados recursos de caracter local, pois que que a metrópole, assoberbada com as expedições marítimas e os empreendimentos da colonisação africana, dificilmente poderia acudir ás necessidades destas ilhas, não deixando de fazer-se a cobrança de várias contribuições e impostos, que aqui se arrecadavam escrupulosamente, sobretudo os que incidiam sobre a produção e exportação do açucar No entretanto é forçoso reconhecer que do govêrno central vieram valiosos auxílios, não só decretando-se o lançamento de varios tributos especialmente destinados áquele fim e recomendando-se com muita insistencia aos povos a necessidade de prosseguirem os trabalhos iniciados, mas tambem cedendo-se uma parte considerável das receitas públicas aqui arrecadadas e ainda enviando-se, abundantes materiais e arquitectos e operarios especialisados, que de todo escasseavam entre nós.

A vastidão e o aparato arquitectonico que, com relação às condições do meio, se deram ao templo da Sé e a que já acima fizémos ligeira referência, tem sua suficiente explicação nas ponderosas circunstancias que então ocorriam. O importante organismo da Ordem de Cristo, a que fôra concedida a absoluta jurisdição espiritual e religiosa em todas as novas terras descobertas ou conquistadas, ao projectar a criação do primeiro bispado dentro da área desses vastos dominios, quís imprimi-lhe um caracter de notável grandeza, que teria certamente de traduzir-se no templo que serviria de centro a essa mesma criação. Embora aquela Ordem não mudasse de séde e desta continuasse a partir uma valiosa cooperação no movimento colonisador que se estava operando, é todavia certo que às suas faculdades de ordem espiritual, de que largamente gosava, transitariam para a nova diocese a estabelecer e seria extinta a chamada Vigararia de Tomar, que dentro da referida Ordem era a dispensadora dessas mesmas faculdades. Nesta transferência de jurisdição deveriam de algum modo reflectir-se as antigas prerogativas daquela prestigiosa corporação, dando-se á

sua nova séde episcopal um aparato correspondente áqueles privilegios.

Não seria então difícil conjecturar que o bispado, a criar-se, estenderia a sua área até os confins do extremo oriente, constituindo, em território, a mais ampla jurisdição religiosa que jàmais existiu. D. Manuel, antes e depois de rei, assumiu o grão-mestrado da Ordem de Cristo e muito concorren, como já ficou dito, para a construção dessa igreja e havia tambem de contribuir, com o seu espirito faustoso e magnanimo, para imprimir-lhe o aspecto de aparato e suntuosidade que ela nos apresenta. A Madeira era então o mais importante empório comercial, que se formára nos novos dominios coloniais e um apetecido ponto de atracção para inúmeros estrangeiros, que aqui vinham tentar fortuna, calculando-se que em breve se tornaria um centro largamente movimentado em todos os ramos da actividade humana. Poucos anos posteriores à época a que nos estamos reportando, poderia com inteira verdade dizer-se «que foi esta ilha a metrópole secular e eclesiástica dos nossos domínios ultramarinos, empório da nossa navegação e comercio coloniais».

Seria absurdo admitir-se que, naquela época, num meio tão limitado como o Funchal e nas desfavoráveis circunstancias ocorrentes, se projectasse o levantamento dum templo com tão amplas proporções, destinado apenas a uma simples igreja paroquial, se não existissem já na mente dos fundadores as ideias que ficam acima sumariamente apresentadas, além de outros motivos, que ainda possam, porventura, aduzir-se áverca deste assunto.

II

Local da construção e meios do seu custeamento

O então chamado Campo do Duque foi o local escolhido para a construção da nova e majestosa igreja. E' certo que na margem esquerda da ribeira de João Gomes e nas proximidades da sua foz se havia formado o mais importante núcleo de moradores ao iniciarem-se os primeiros trabalhos de colonisação, mas logo o povoamento se estendeu largamente pela margem direita da mesma linha de agua, tornando-se o Campo do Duque um dos pontos mais movimentados da antiga povoação do Funchal. A preferência da sua escôlha deve em grande parte atribuir-se á amplidão do sitio, que permitia proceder-se ali com largueza e desafogo às diversas edificações projectadas. Prolongava-se esse Campo entre as margens das duas ribeiras, mas o seu principal centro limitava-se, a leste, pela capela de São Sebastião, actual Largo do Comercio, e, a oeste, pelo Convento de São Francisco, hoje Jardim Municipal. Era pertença da Ordem de Cristo, que no periodo decorrido de 1418 a 1521 tivera como grãos-mestres os infantes D. Fernando, D. João e D. Diogo, todos duques de Vizeu, e D. Manuel, duque de Beja, e destes títulos nobiliárquicos tirou aquele trato de terreno a denominação de *Campo do Duque*, passando depois, em parte, a chamar-se *Terreiro da Sé* e posteriormente o *Passeio Publico*, tendo em 1821 tomado o nome de *Praça da Constituição*, em 1911 o de *Praça da Republica* e alguns anos mais tarde o de Avenida do *Doutor Manuel de Arriaga*, que ainda conserva.

Surgiram algumas dificuldades a respeito da escôlha do local mais apropriado para a construção da nova igreja, opondo-se João Gonçalves da Camara, segundo capitão-donatário do Funchal, a que ela se erigisse no Campo do Duque, por motivo que hoje se ignora. Nesse sentido, interpôs o seu valimento junto de Grão-mestre da Ordem de Cristo, que era D. Manuel, mas felizmente triunfaram a razão e o bom senso, porque nesse tempo não existia na antiga vila do Funchal outro lugar que melhor se adaptasse áquela edificação, não tendo o duque de Beja atendido as pretensões do capitão-donatario, como abaixo mais largamente se verá.

A Ordem de Cristo, que tinha o padroado de todas as igrejas e serviços religiosos nos nossos dominios ultramarinos, dedicou especiais cuidados á erecção do templo, que seria a séde da primeira diocese a criar naquelas regiões, pois que almas dezenas de anos, anteriormente a essa criação, adoptara acertadas providencias tendentes, em boa parte, a assegurar os recursos indispensáveis para a construção do edificio, que haveria de servir de futura Sé Catedral. Dessas medidas eficazes, que principalmente se devem ao seu Grão-mestre D. Manuel, antes e depois de ser rei, vamos fazer aqui uma pequena resenha.

O documento mais antigo que se conhece acêrca da projectada construção tem a data de 1485 e dele se acha lançada uma súmula no tomo 1.º do Arquivo da Camara do Funchal, dizendo-se ali que naquele ano fôra feita a doação do terreno necessario, sito no Campo do Duque, para a edificação da igreja, lavrando-se o auto respectivo e havendo-se para esse fim procedido, no ano imediato, isto é em 1486, á exacta demarcação do local. Referindo-se certamente a essa doação, afirma-se que, num antigo documento existente no referido Arquivo da Camara e que varias vezes temos visto citado, fôra aquela cessão assinada a 5 de Junho de 1485, em São Tiago de Cacem, pelo duque de Beja D. Manuel, e que ela «compreendia o terreno destinado para uma igreja e praça e adro e casa para o Concelho». Essa cedencia do Grão-mestre da Ordem de Cristo fez-se por intermedio do seu ouvidor Braz

Afonso, no dia 5 de Novembro de 1485, e no mesmo dia tomou «o Senador posse do dito chão».

Informa-nos Henrique Henriques de Noronha, nas suas *Memorias* manuscritas do primeiro quartel do século XVIII, existentes na Biblioteca Municipal do Funchal, que uma Ordem Regia de 21 de Março de 1488 determinara que revertessem a favor da projectada construção «as penas criminais» pertencentes ao monarca, e que no ano seguinte foi expedida uma nova Ordem com o mesmo fim, criando-se a «imposição nos vinhos atavernados» e proibindo a seus sucessores, «sob pena da sua bênção», que não desviassem esses impostos para diferentes destinos.

Outro documento, bastante valioso e interessante para o nosso assunto, tambem registado no Arquivo da Camara, é o alvará régio de 21 de Outubro de 1488, do qual transcreveremos os seguintes trechos: «...que da aqui emdiante todas las penas que em essa yiha forem postas... e ao iante se posserem assi para minha Camara como chancellaria como de qualquer outra qualidade, que se aja di dar a metade para o facimento da Jgreja que no dito Funchal prazendo a Deus espero mandar fazer e pera se esta cousa melhor arrecadar vos mando que em Camara enlexais pera ysso hum home para ella pertencente e abonado que tenha carrego e cuyde de has ditas penas receber e arrecadar, ao qual se o bem fazer lhe mandarey fazer dellas aquella mercee que bem parecar ou doutra cousa algua em maneyra que deva com rrazam de ser contente e o escrivão da Camara escreva todo o que elle assy receber e assente sobre elle a metade das penas em que assy encorrerem para as aber de rrecadar e dar dyso conta e ejam assidados os ditos recebedores e escrivam de o fazerem fielmente bem e com diligencia porque se assy o fezerem receberam de nos merece e fazêdo-o doutra maneira ajam por certo que tomarey a ysso eomo seja raram e direito e o traslado daste alvará se assente no dia camara.»

Do ano de 1493 existem um alvará regio e uma carta do duque de Beja D. Manuel, como grão-mestre da Ordem de Cristo, mandando aplicar a renda da imposição do vinho ás obras do templo e notificando com insistencia os povos a que

na medida das suas posses, voluntariamente concorressem para elas

No prosseguimento dessas obras, novas fontes de receita se criaram para acudir ás múltiplas despesas dessa dispendiosa construção. Em 1500, aproximadamente sete anos depois de iniciados os trabalhos, foi expedido um alvará régio confirmando as medidas tributárias aplicadas áquele fim, que anteriormente tinham sido promulgadas, havendo o rei D. Manuel dirigido uma carta aos habitantes da capitania do Funchal, em que de novo e vivamente pedia a todos que concorressem com seus donativos para aquela obra.

De 1502 existem dois importantes diplomas: um mandando aplicar anualmente mil arrobas de açucar para esse fim, e outro, datado de 16 da agosto daquele ano, do qual transcrevemos o seguinte trecho: «Primeiramente nos pedis que ha ymposiçon das billas da ponta do soil e calheta fosse sempre pera has obras da ygreja desa billa (*o Funchal ainda então era vila*) & do concelho. A esto respondemos & nos praz que em quanto durarem has obras da dita ygreja se arrecade a ymposiçon dos sobre ditos lugares para ellas somente e mays nom. It. que os moradores da ponta do soll & da calheta paguem pera ygreja desa billa (*Funchal*) o que fôr taxado atee ser acabada. A esto respondemos & nos praz que paguem o que a cada hum fôr taxado segundo a sua faculdade.»

Por informações colhidas em documentos que existiam no arquivo velho da Camara do Funchal, sabe-se que o rei D. Maanuel mandou á Madeira uma caravela, no ano de 1503, trazer trinta reais de prata para as obras da Sé e que por essa epoca enviou tambem quarenta reais a Antonio Correia, que este dera de emprestimo para o mesmo fim. Em anos subsequentes, outras medidas se promulgaram com igual destino, prosseguindo os trabalho com pequenas interrupções mas com vagarosa lentidão.

Diz-nos ainda o referido arquivo que o mesmo monarca, no ano de 1515 e por alvará régio, fizera doação á Fabrica da Sé Catedral dumas casas, que tinham sido primitivamente destinadas ao edificio da Alfandega, sitas no Pelourinho.

Pelo indice dos antigos livros de arquivo da Camara do Funchal, organisado por Antonio José de Lamedo, que de novo acabâmos de compulsar, vemos que sómente naquele arquivo se acham registados mais duma dezena de documentos respeitantes á edificação da Sé Catedral, havendo muitos outros que ali não foram tombados.

III

A sua Arquitectura

O edifício da Sé Catedral deve ter sido talhado nos moldes do estilo gótico, embora alguns dos trechos arquitectónicos que o constituem não obedeçam inteiramente ao rigor e á pureza do mesmo estilo. O ilustre anotador das *Saudades da Terra* dr. Alvaro Rodrigues de Azevedo diz que a sua «arquitectura é puramente manuelina» e Albretch Haupt, no seu notável trabalho *Architectura da Renascença em Portugal*, inclina-se a incluir esse templo no numero dos monumentos eclesiásticos dos do tipo dos primordios da Renascença. E afirmando um distinto crítico de arte que «o chamado estilo manuelino é resultante da fusão do estilo ogival florido e da renascença», podemos talvez assegurar que a arquitectura da nossa Sé comparticipa de algumas das modalidades desses estilos.

Nas várias e sempré fugidias referências com que temos deparado a respeito da arquitectura desse edificio, vemos que em geral é classificado, ora como pertencendo ao estilo gótico ora ao estilo manuelino, mas sem a descriminação de pormenores, que nos levem a formar um juizo seguro ácerca dos elementos predominantes dos estilos que ali se possam encontrar. Não deverá isso causar-nos grande estranheza, se admitirmos que o estilo manuelino «ora propende para o gótico, para as fórmas mouriscas dá Renascença, ora se define numa maneira naturalista toda arbitrária...». No entretanto podemos talvez assentar, duma maneira generica, que a frontaria, as naves e a torre são pertença do estilo gotico e que a parte exterior do templo que olha ao sul, adjacente á capela-mór, com os seus eirados, balaustradas e platibandas, deve encorporar-se no es-

Sé Catedral—Frontaria

tilo manuelino. E' claro que esta afirmativa não exclui a possibilidade de admitir-se ali a intromissão de outros elementos estranhos áqueles estilos, como se nota na capela-mór e ainda em outras partes do edificio.

O exterior da igreja sofreu no decorrer dos tempos vários acrescentamentos e mutilações, que notavelmente lhe desfiguraram a feição característica da traça primitiva. Algumas dessas acessorias ampliações impuseram-se pela força imperiosa das circunstancias e carencia de lugar mais apropriado, mas outras houve, que, sem prejuizo para os serviços cultuais, se poderiam ter facilmente evitado, contando-se neste número as pequenas casas que se levantaram entre o sopé da torre e a chamada sacristia dos cónegos, bem como algumas das dependencias anexas á capela do Santissimo Sacramento. Sem esforço se reconhece o inconveniente resultante dessas construções, que, além de afearem o local e esconderem uma parte considerável do edifício, vieram tambem quebrar a bem equilibrada harmonia do conjunto.

Ainda há pouco, permitiu-se a construção dum quiosque, contiguo á parede exterior dum dos extremos do transepto, a-pesar-dos protestos que então se fizeram e das acres censuras dirigidas ás entidades oficiais, que concederam a necessária licença para essa grotesca edificação. Os protestos e censuras foram tomando vulto e lá se conseguiu, passados alguns anos, que o já famoso quiosque fosse de ali removido.

O mesmo se pode dizer, em boa parte, das construções que ladeiam a capela do Santissimo Sacramento, as quais ocultam alguns dos trechos arquitectónicos mais interessantes de todo o edifício. E seja-nos lícito, a tal respeito, arquivar aqui alguns periodos dum belo artigo, que há anos foi publicado no «Diario da Madeira», devido certamente á pena do seu ilustre director: «Temos que a parte mais bela, pelo que se refere á arquictetura exterior da nossa Sé, é, a que do lado do oriente, sobrepuja o alta-mór e a capela do Santissimo Sacramento: corre sobre o primeiro uma galeria com coruchéus de estilo gótico; e na segunda salienta-se inferiormente a formosa guarnição gótico-manuelino rematada de cruzes de Cristo, onde afloram

coruchéus de forma cónica em salientes torreões helicoidais. Sendo para notar que estes esguios remates passados do estilo ogival á nossa renascença afectou em a nossa Sé um aspecto, que ainda não vimos em elementos identicos doutro qualquer monumento dasta época». E' sem dúvida para lamentar que uma parte dessas preciosidades artísticas tivessem ficado ocultas á vista do observador e mais ainda consideravelmente prejudicadas, no conjunto do seu belo aspecto, com todos os primores arquitectónicos que ali profusamente se encontram.

Uma mutilação, porém, sem razão ponderosa que a justificasse, foi a que se praticou na frontaria do edificio com a abertura de duas janelas, que veiu alterar profundamente uma das características fundamentais do estilo gótico, que ali se salientava em toda a sua pureza arquitectónica. A primitiva fachada, obedecendo á orientação do estilo em que o templo fôra moldado, compunha-se apenas da porta em arco ogival com as suas arquivoltas e da caraterística rosácea, que lá no alto solitariamente se destacava. Algures se diz que ela «está transfurada em pedra dum trabalho por vezes delicado, verdadeiramente maravilhoso, cujos vasados são livres, mas que nas catedrais de maior vulto são preenchidos com vitrais».

Surgiu, não sabemos como nem quando, a ideia infeliz de iluminar-se mais abundantemente o interior do templo e de modo particular o côro que sobrepuja o vestíbulo, desfazendo-se assim a meia luz tão apropriada ao recolhimento e á oração e que tanto caracterisava as igrejas daquela época. E até é possível que a falsa e errada noção de imprimir á frontaria maior beleza e elegancia levasse á perpretação daquele atentado, tendo o cónego João Paulo Berenguer, nos fins do século XVIII ou princípios do século seguinte e certamente com pleno consentimento do respectivo cabido, mandado abrir á sua propria custa as duas incaraterísticas janelas, que ladeiam a bela rosácea, desfigurando-se notavelmente o traçado do plano inicial e tendo-se-lhe ainda adicionado um grotesco varadim com a sua gradaria de ferro. Outro atentado ali cometido foi o da pintura das pedras de cantaria lavradas, que cobrem uma parte consideravel da frontaria, tendo-se praticado igual atentado com

todos os arcos e colunas das tres naves. Há razões para acreditar que a camada de tinta aplicada no frontespicio data dos meados do século XVIII, após o terremoto de 1748, que causou grandes estragos nesta e em muitas igrejas e edificios de toda a ilha. Por esse motivo, se procedeu na Sé Catedral a importantes reparações na torre, na fachada, nalgumas paredes e no altar-mór, que bastante concorreram para mais ainda prejudicar a beleza de todo o edifício.

Tem-se conjecturado que as portas fronteiras e laterais da Sé, que olham ao norte e ao sul, não pertençam á antiga construção, ou então que, por serem de limitada altura (e porventura de fórma ogival) houvessem sido substituidas pelas actuais. Não o podemos afirmar, mas é todavia certo que essas portas, destoam do estilo predominante no templo e mais ainda estão os respectivos limiares e ombreiras talhados no nosso basalto poroso ou «cantaria rija», que sómente começou a usar-se em construções urbanas nos meados do século XVII.

Junto do braço do transepto, que olha ao norte, levanta-se a alta e graciosa torre, que é baatante elevada com relação aos outros corpos da igreja e que, num vasto perímeiro, notavelmente se destaca dos inúmeros edifícios que a rodeiam. Tem a fórma quadrangular e é toda construida de pedra de «cantaria mole» devidamente lavrada. Taserminam uas paredes em pesquenas ameias e sobre o corpo principal assenta outro de menor superfície e de menor altura, donde se eleva um elegante corucheu em fórma piramidal revestido de azulejos e rematado por uma grimpa de metal. Os melhores sinos que ali se encontram datam do ano de 1814.

O relógio que ali funciona foi oferecido plo súbdito britânico dr. Miguel Grabham e realisou-se a sua instalação em fevereiro de 1922. Veiu substituir o antigo relógio, mandado construir pelo governador e capitão-general da Madeira João Antonio de Sá Pereira no ano de 1775, sendo este o primeiro que ali existiu para o serviço do público.

Cometeu-se há pouco o êrro, talvez justificado pela fôrça das circunstancias ocorrentes, da colocação nesta torre de alguns postes destinados ao serviço dos telefones, o que logo foi

considerado como um atentado contra a boa estética daquela parte do edificio e ainda do seu conjunto, não faltando tambem quem afirmasse que a solidez e segurança do campanário tinham bastante a recear com a instalação, embora provisoria, que ali se fez. Por esse duplo motivo, muito seria para desejar que se procedesse á breve remoção desses postes, sem maior prejuizo do serviço público.

O interior da igreja logo surpreende agradavelmente o observador atento pela sua singela grandeza de por com uma rara e graciosa elegância. Essa impressionante combinação duma sóbria magnificência com uma acentuada e notavel distinção de linhas resulta principalmente da relativa vastidão do edificio, relacionada com a altura e esbelteza das colunas, que sustentam as suas naves. Não é de estranhar que o grande escritor D. Francisco Manuel de Melo, segundo nos informa um artigo manuscrito, ao examinar essas colunas exclamasse «que a circunstancia de serem tão delgadas lhe revelava a maior perfeição delas e a grande temeridade do artista». A equilibrada e bem proporcionada disposição das arcarias com relação ás outras partes do edificio concorre tambem consideravelmente para esse aspecto de grandeza e de elegancia, que tanto impressiona os visitantes.

Tem esta igreja a fórma rigorosa duma cruz latina sendo a haste maior constituida pela nave central e capela-mór e a transversal pelo transepto, em cujos extremos se levantam as capelas do Senhor Bom Jesus e de Santo Antonio. E' de tres amplas naves, sendo a central de maior altura e tendo o seu prolongamento no transepto e capela-mór. Fica separada das naves laterais por dois renques de seis elegantes arcos ogivais cada um, sustentados por quatorze esbeltas colunas fasciculadas. As naves não são abobadadas, mas cobertas com um rico tecto de madeira indigena, como mais adiante diremos. Essa delicadeza de construção e elegante simplicidade, imprime-lhe uma bela e atraente perspectiva, que logo convida o visitante desprevenido a uma mais atenta e demorada observação.

Parece que no primitivo traçado se incluira a construção dum côro junto da capela-mór, mas havendo-se ponderado ao

rei D. Manuel o inconveniente dessa construção, ordenou o monarca, por carta de 27 de Fevereiro de 1514, que em vista desse côro «danar a dita capela, que ele se fizesse sobre a porta principal», como realmente veiu a acontecer. Mas passados aproximadamente tres seculos surge a disparatada ideia de levantar-se esse projectado côro, que na verdade chegou a construir-se e que ali permaneceu muitos anos com notável prejuizo da beleza e correcção de linhas que oferecem o transepto e a capela-mór. Numa louvável atitude do bom gôsto e de bom senso foi de ali removida aquela desnecessaria e inestética excrescência no ano de 1925.

Os dois elevados arcos, que ladeiam o arco central da capela-mór, davam acesso ás capelas que hoje correspondem á do Santissimo Sacramento e de Nossa Senhora do Amparo, conservando esta ultima, em outro tempo, uma disposição diferente da que actualmente tem. Comunicava ela com a sacristia-mór da Catedral, que fôra primitivamente instalada na pequena sacristia que fica na base interior da terra, onde ha poucos anos se colocou o altar da antiga capela dos Varadouros, e ali permaneceu até o segundo quartel do século XVIII, em que se procedeu á construção da casa capitular e da sacristia chamada dos conegos, como mais adiante melhor se verá.

As edificações erguidas em volta do templo e a que acima fazemos referência vieram, sem dúvida, prejudicar bastante a sua beleza e harmonia exteriores, mas algumas delas corresponderam, ao tempo, a imperiosas necessidades, pois que a antiga e pequena *cerca*, já então muito cerceada pela rua de João Gago e várias casas de moradia adjacentes, não tinha a suficiente largueza para impedir que ali se levantasse aquele agrupamento de construções. Não será descabido acentuar agora, que a edificação da sacristia-mór, da casa do capítulo e ainda dumas dependências da capela do Santissimo Sacramente obedeceu a exigências inadiáveis do serviço do culto, que então, como hoje, não podem de modo algum ser dispensadas. E não será tambem fóra de propósito recordar que, embora as igrejas possam ser, e muitas vezes o são, verdadeiros umseus de arte, teem acima de tudo que acomodar-se ás ne-

cessidades do culto, para que foram construidas e para cujo fim principal se destinam. Nesta materia, o verdadeiro critério consistiria, quanto possivel fosse, em conciliar os preceitos impostos pela arte com as exigências dos serviços cultuais, como na maioria dos casos se tem procurador observar.

IV

As decorações interiores

As ornamentações, que interiormente guarnecem e aformoseiam o edificio da Sé Catedral, não constituem maravilhosas manifestações de arte, que deslumbrem e arrebatem os visitantes cultos e viajados, ao observa-las rapidamente no seu conjunto. E', no entretanto, incontestável que ao repousar-se a vista, particularmente no seu tecto de madeira a ainda em outros pontos de toda a decoração interior, com facilidade de descobrem alguns preciosos pormenores, que pela sua grande originalidade e rara beleza artística são dignos da maior admiração e apreço.

Diz o autor do do livro «Architectura da Renascença em Portugal» que o tecto da nossa Sé é muito semelhante e em nada inferior ao da Egreja matriz de Caminha, sendo este geralmente considerado como unico no seu género no nosso país. Falando desse tecto, afirma o «Portugal Monumental», que é uma preciosidade artística em que se admira a prodigalidade artística de talha em caixões de madeira, formando combinações geométricas de género alhambresco». Pelas palavras transcritas, pode-se com verdade ajuizar da encantadora surprêsa que aos entendidos causa a primorosa obra do tecto da nossa Sé Catedral, porventura despido de toda a beleza para os menos familiarisados com os trabalhos dessa naturesa.

Foi todo construido ac odorifero e incorruptivel cedro indigena *(juniperus oxycedrus)*, que então fartamente abundava nas opulentas matas da nossa ilha. Está fabricado em estilo «mudejar» ou mourisco em que predominam figuras geométricas de linhas rectas entrelaçadas, sendo em boa parte marchetadas

com incrustações de marfim. A respeito desta obra, leem-se no ultimo livro de Emanuel Ribeiro, antigo professor da nossa Escola Industrial, as seguintes e entusiásticas palavras: «... admira-se no tecto que cobre as naves e o transepto a musica complicada dos entrelaçamentos árabes, nos quais o geómetra soube descobrir uma filosofia da fórma, onde residiam sensações estranhas, ora de sentimentos calmos, serenos e magestosos, ora impregnados duma vaga melancolia de mistério. Toda essa decoração poligonal que souberam com tanta mestria e maravilha combinar, revelava aos olhos desses ledores da imagem pareceres profundos e primorosos».

Vimos que as naves e o transepto conservam como cobertura um rico tecto de madeira de cedro com magnificos lavores, sendo a capela-mór e as duas capelas laterais os únicos trechos deste edificio que teem os tetos abobadados, de «cantaria» indigena, artisticamente artesoados com nervuras rematadas pela cruz de Cristo, o escudo das quinas e a esfera armilar. O altar-mór desta capela mereceu a Albrecht Haupt esta interessante referência: «Da antiga decoração é sobretudo valioso, a nosso vêr, o altar-mór, cujo grandioso camarim apresenta quasi completamente o estilo gótico. Encerra doze avultados paineis da antiga escola portuguesa enquadrados por um fino motivo arquitectónico de frisos e corucheús dourados; o coroamento ostenta um suntuoso boldaquino, com alizares transfurados, evocando à memoria o desaparecido cadeiralo do côro em Tomar, de cujo lavor muito se aproximam as minudências ornamentais. Não deixa tambem de recordar-nos as antigas estátuas do camarim do altar-mór de Belem, sem predecessor. Audaria acaso por aqui a mão de Oiival de Gand?»

Acêrca deste altar dá-nos ainda Emanuel Ribeiro este curioso trecho:—«Algumas tábuas das treze que ornam o retábulo da capela-mór merecem atentos minutos de estudo. Em uma delas julgâmos encontrar o soberano perfil duma personagem ilustre. Guardo, porém, para um proximo trabalho, algumas detalhadas e elucidativas referências a esse painel». Infelizmente não apareceu ainda a publico esse trabalho. O distinto pintor Alberto de Sousa reproduziu pela aguarela varios

trechos do apainelado desta capela, encontrando-se nesta ilha alguns desses primorosos trabalhos.

Estando a ocupar-nos da capela-mór, é a ocasião oportuna de nos referirmos ao cadeirado, que ali se encpntra, destinado ao serviço privativo do côro.Para isso aproveitaremos alguns períodos dum excelente artigo do distinto professor e arquitecto E. Ribeiro, já acima citado, lamentando que a falta da reprodução, neste lugar, dos gráficos que acompanham aquele artigo, tornem menos interessante e menos inteligível a sua leitura.

«O cadeirado da Sé do Funchal com os seus assentos custosos e bem lavrados de rica marcenaria oferecem ao estudioso motivo de atenta análise. Algumas figuras que nele foram esculpidas permitem reconstituir com toda a segurança alguns tipos do povo, dando-lhes assim valor arqueológico e etnográfico. Podem dividir-se em tres grandes grupos ou figurações, que esse cadeirado nos revela: realista, anedótico, fabuloso. A parte realista poder-se-ia dividir ainda em figuras com valor etnográfico ou não. Assim para maior eficiência do estudo, apresentaremos separadamente as figuras que de facto representam um valor elucidativo dessa época com referências á vida rural do povo madeirense». E a seguir o autor reproduz as figuras, pela gravura, acompanhadas de breves notas descritivas do *acrobata*, muito em voga no tempo e vulgarmente encontrado em monumentos do século XIV, do *bobo*, indivíduo grotesco e hilariante tão frequentemente admitido nas côrtes da Europa, do *galeriano* com os pés presos a um poste por meio de correntes.

Encontram-se ali as figuras, que representam o *vilão*, não lhe faltando o barrete ainda em uso no principio do século XIX, o *borracheiro* esvasiando o seu ôdre, o *cavador* com a sua característica enxada de fórma lanceolada, as quais podemos talvez chamar de caracter regionalista. A fauna está abundantemente representada pelo dromedário, burro, veado, cão, porco, pombo e cordeiro. Como se verifica em outros trabalhos desta natureza e que com muita frequência se encontram em tantos edifícios religiosos, tambem na nossa Sé Catedral se

deparam com alguns *grotescos*, que pela sua posição e pelo seu significado não deveriam ali figurar. O curioso e elucidativo artigo termina com estas palavras: «Algumas destas figuras são feitas com muito espirito e nitida compreensão técnica do material em que são executadas... No cadeiral de que tratamos, ha a juntar o valor, que, como documentario, nos dá para o estudo dum povo».

Tem-se vagamente afirmado e muitas vezes repetido que entre os paineis existentes nas paredes e altares da Sé Catedral se encontram alguns quadros de notável valor pictural, produto da paleta de distintos artistas, mas a verdade é que ainda não apareceu um crítico de arte, competente e consciencioso, que realisasse um estudo acêrca dessas télas e pinturas e nos désse uma ideia, embora rapida mas segura, dos seus presumiveis autores ou escolas a que pertençam, da época aproximada da sua factura, dos assuntos ou acontecimentos que representam, do seu relativo estado de conservação, das restaurações de que porventura necessitem etc. O distinto professor, já varias vezes citado, emite, a tal respeito, esta opinião: «Na Sé do Funchal ha mais de cincoenta panos e tábuas onde o pincel do artista faz, e em alguns deles belamente, vibrar as gamas irldescentes das côres. Dos fundos escurecidos aparece-nos, por vezes, o recorte puro de figuras tocadas dum tal sentimento e vida, animadas duma tal pureza e ternura, que apenas parecem quedar-se numa estática e mística contemplação envoltas em aurifrigiadas mantas que, em longas pregas clássicas, caiem sobre os corpos emagrecidos das longas inédias de sacrifício».

Dum livro escrito ácerca da Madeira, vamos transcrever os seguintes períodos, em que nos parece haver algo de fantasia e que deixâmos inteiramente á apreciação de melhor crítico:

«Uma das últimas tábuas da base do retábulo do altar-mór representa um vodo, que deve ser pintura de Lucas Oranach ou de alguns dos seus discipulos, que o imitaram no humorismo e nessa realidade de representação de costumes e de vida pública e doméstica que tornaram célebres os pintores holandeses do século XVII; nessa tábua dum colorido severo mas duma inspiração ridente, veem-se os corpetes de sirgo, alguns

deles adamascados, policromos, sobre os quais desfralda-se o manteu, que são no estilo em que as camponesas da Madeira vestem os seus corpetes de serguilha vermelha lavrada, sobre os quais aperta na cintura, como a vertugada senhoril da mesma época da cota, saia de carda lambelada, no trajo de pouca cerimonia, ou lavrada de bordados no de gala, ás barras ensartadas de missanga e avelórios, ou a retrós e *crochet*, matizadas de várias côres e muito vivas predominando o amarelo, o vermelho e o verde.»

E' de limitada área a capela do Santissimo Sacramento, mas duma rara perfeição e surpreendente beleza na sua elegante arquitectura e ricas decorações que a guarnecem, embora algo discordantes do estilo que predomina no resto do edifício. A magnifica obra de talha dourada, as primorosas esculturas e os belos mármores dão ao seu conjunto um aspecto de uma extraordinária formosura e duma grande opulencia artística. E' um pequeno recanto do edifício, em que abundantemente se acumulam tantas manifestações das artes plásticas nas suas mais ricas e variadas modalidades. Contígua á sacristia desta Capela encontra-se uma pequena mas formosa sala, para uso privativo da respectiva confraria, que tem em tôrno um precioso lambris de azulejos da época de D. João V e ao fundo um rico movel envidraçado, contendo muitas peças de prata e outros objectos artisticos, destinados ao serviço do culto, entre os quais se destaca uma antiga salva da mais primorosa factura. Merece uma atenta visita esta dependencia da Capela do Santissimo Sacramento.

As duas capelas do Senhor Bom Jesus e do taumaturgo português Santo Antonio, que se levantam nos dois extremos do transepto com altos e elegantes retábulos, sendo talvez o primeiro no estilo renascença e o segundo no barroco, estão fabricados em bela talha de madeira dourada, notando-se neles custosas ornamentações, que, no entretanto, não se harmonisam inteiramente com o estilo predominante no templo.

Ao longo das naves laterais encontram-se seis altares ou capelas reconstruidas nos fins do século XVIII e principios do seguinte, que são de sóbria e elegante factura, mas que não

oferecem quaisquer primores artisticos, que detenham a atenta observação dos entendidos.

A sacristia-mór, comumente chamada dos conegos, é uma das partes do edificio de mais recente construção e não chegou a ser inteiramente concluída no belo apainelado, que lhe cobre as paredes laterais. E' muito espaçosa e de notavel elegancia, tendo ao fundo um altar encimado por uma grande téla representando o papa São Sixto. Guardam-se ali em amplos vestiarios os principais paramentos e alfaias destinadas ao serviço do culto.

V

Periodos da construção

Podemos fixar o ano de 1493 como o do começo dos trabalhos de construção de Sé do Funchal, embora se lhe tenha atribuido uma época aproximadamente anterior ou posterior á daquele ano. Do confronto de alguns documentos e da apreciação de varias referencias respeitantes a esse facto, julgâmos que todas as probabilidades, para não dizer inteira certeza, militam a favor da fixação do tempo que deixamos assinalado.

Além de haver sido extremamente morosa essa construção, como em geral acontecia com as edificações da época, tiveram esses trabalhos diversas interrupções até o seu final acabamento, podendo com certa aproximação distinguirem-se quatro periodos em toda a duração das obras, não contando com as diversas reparações acidentais, que se fizeram no largo periodo de quatro séculos. Seis a sete anos levou a formação ou estrutura do que chamaremos o esqueleto do edificio, isto é, o fabrico das paredes exteriores, das três naves, da torre e respectivas coberturas, com excepção da sacristia mór e da casa capitular, que são edificações do século XVIII. Quando, no ano de 1508, se procedeu á simples benção da igreja e para ela se transferiu a séde da paroquia de Santa Maria Maior, a unica então existente no Funchal, estavam ainda bastante atrazados os trabalhos dessa construção.

Haver-se-ia alargado o primeiro periodo dos trabalhos de edificação desde o inicio das obras em 1493 até a sagração solene realizada no ano de 1516; estender-se-ia o segundo periodo dos fins da dominação castelhana até meados do século

XVII; e o terceiro e quarto periodos teriam respectivamente decorrido no segundo e terceiro quarteis do século XVIII.

Foi no primeiro período que se realizaram as obras de maior vulto. A aplanação da superficie do terreno, o lançamento das fundações, a erecção das paredes exteriores e das naves, o levantamento da torre com o seu coruchéu e ameias, a capela-mór e a antiga capela do Santissimo Sacramento com os seus terraços adjacentes e alguma das capelas laterais fizeram-se nessa primeira etapa com a vagarosa lentidão, que permitiam os recursos e circunstancias ocorrentes. Foi posteriormente a esta época e pelo ano de 1560 que se construiu a então chamada *Cerca*, em volta da capela-mór e da torre, espaço que hoje corresponde ao local ocupado pela sacristia dos conegos e casa do cabido.

O segundo período da construção começou no último decénio do domínio filipino. A capela-mór, que não tinha sido concluida na primeira edificação, recebeu então o seu inteiro acabamento, iniciando-se esses trabalhos por 1630. Fizeram-se por esse tempo o primoroso apainelado do altar e das paredes laterais dessa capela e bem assim o aparatoso cadeirado a que já atrás nos referimos, sendo de época pouco posterior as bem esculturadas figuras em madeira dourada, que servem de espaldar e ficam sobranceiras ás cadeiras canonicais.

A sacristia-mór e a chamada Casa do Cabido pertencem ao terceiro período, realizando-se a sua construção no episcopado de D. Manuel Coutinho, a quem se deve em grande parte esse importante melhoramento e que esteve á testa desta diocese nos anos de 1725 a 1740, dizendo-se algures que o custo dessas obras atingiu a quantia de sessenta mil cruzados.

No terceiro quartel do século XVIII, procedeu-se á reedificação da actual capela do Santissimo Sacramento, que opulentamente veiu substituir a antiga, constituindo essas obras o quarto período da construção da Sé Catedral.

Entre as muitas reparações e trabalhos de conservação, a que se tem procedido nesta igreja em diversas épocas, devem destacar-se os realizados no ano de 1792, mandados fazer pela respectiva fabrica, e os que ali se executaram há cêrca de no-

venta anos, quando se achava á frente do governo deste distrito o benemerito e nunca esquecido conselheiro José Silvestre Ribeiro. Nessa ocasião, além de outros necessarios repairos, impunha-se acudir sem demora á imminente derrocada que em alguns pontos ameaçava o famoso tecto de cedro indigena, sendo para ali que convergiram as especiais e cuidadas atenções dos que dirigiram esses trabalhos de urgentes reparações, que áquele ilustre Governador Civil ficaram devendo a sua pronta realização.

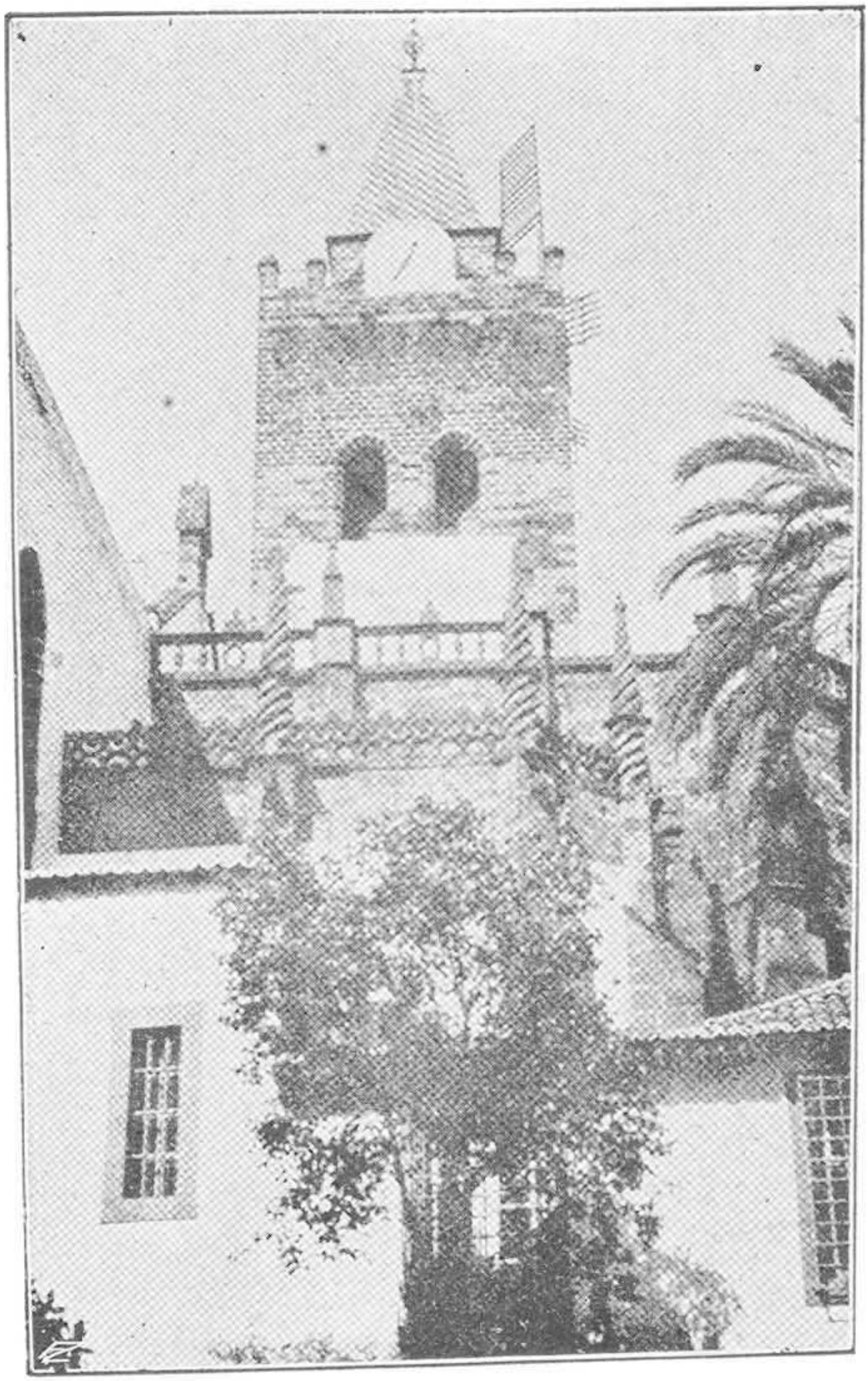
No penultimo decénio do século XIX tambem se fizeram apreciaveis obras de restauração e conservação neste templo, sendo o conego da mesma Sé Feliciano João Teixeira, então deputado pela Madeira, que obteve do governo central a necessaria dotação para se proceder a esse indispensavel melhoramento.

Eram para nós inteiramente desconhecidos os nomes de quaisquer artistas, arquitectos, mestres de obras ou operarios que tivessem com o seu apurado engenho ou porfiado labor concorrido para as obras do majestoso edificio. Num valioso manuscrito de Henrique Henriques de Noronha, do ano de 1722, conservado na Bibliotheca Municipal do Funchal, colhemos a informação de que «o architecto de toda a obra foi Julianes», o que, a ser verdadeiro, constituia uma noticia muito interessante. Essa informação foi recente e posteriormente confirmada, em boa parte, com o apparecimento duma pedra sepulcral, encontrada nos escombros da capela de Nossa Senhora da Conceição, situada no lugar da Serra de Agua da freguesia do Arco da Calheta e ha pouco recolhida no Museu Regional desta cidade, onde se leem os seguintes dizeres: «*Sepultura d' Gil y Enes pedreiro mestre da Sé*». E' uma lajea tumular bastante antiga, que teria sido posta sobre o coval de Gil Enes pouco tempo depois do seu enterramento. Henrique Henriques de Noronha chama-lhe «o architecto de toda a obra» e o epitáfio confere-lhe apenas a qualidade de «pedreiro-mestre», podendo talvez as duas expressões, com relação aos principios do seculo XVI, ter um significado análogo ou muito aproximado, segundo se pode depreender de outros casos semelhantes que se conhecem. Não alcançámos quaisquer outros por-

menores ácerca do *curriculum vitae* de Gil Enes e consultando a notável obra de Sousa Viterbo *Diccionario Historico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Constructores Portugueses*, que só ocupa de alguns centenares de individuos, nada encontrámos que nos podesse esclarecer. Ao que disse Henrique Henriques de Noronha e que fica acima transcrito, dá-nos êle ainda esta curiosa informação: «... nesta *(na Sé)* se vê numa coluna por baixo do pulpito uma cabeça, que é tradição ser a sua efigie». Ainda hoje, na coluna de pedra lavrada em que assenta o pulpito, destaca-se, em bem saliente relevo, essa *efigie*, que ignoramos se será ou não a *vera efigie* do arquitecto ou pedreiro-mestre Gil Enes. Na obra do Visconde de Condeixa sobre o Convento da Batalha faz-se menção dum artista imaginario de nome Gil Enes, contemporâneo do pedreiro mestre sepultado na freguesia do Arco da Calheta.

Pode surgir uma duvida: o epitafio diz *Gil y Enes* e Noronha escreve *Juliaes*. Os dois nomes, tão eufonicamente semelhantes, dizem respeito a um só individuo? Estamos pela afirmativa.

Tiveram as obras da Sé, por parte do monarca, um vedor ou superintendente, que dirigia os diversos serviços de administração, providenciando ácerca da aquisição de materiais, pagamento de salarios, fiscalisação dos trabalhos e outras questões de caracter economico e administrativo. Ha noticia de que foi Pedro Frazão o primeiro que exerceu esse cargo. Sobre o assunto, informa-nos o já citado Henrique Henriques de Noronha que D. Manuel escreveu ao Senado da Camara do Funchal, comunicando-lhe que para o desempenho daquele cargo nomeara João Gomes, pessoa da sua casa e antigo pagem do livro do infante D. Henrique. O *Elucidario Madeirense*, da nossa co-autoria, informa «que ele se tornou conhecido com o nome de João Gomes o Trovador, pois que cultivou com distinção a poesia, encontrando-se treze composições poéticas suas no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Rezende. Casou no Funchal com D. Guiomar Ferreira, filha de Gonçalo Aires Ferreira, o conhecido companheiro de João Gonçalves Zargo. Teve terras de sesmaria nas margens da ribeira que



Sé Catedral — Torre e lado sul

tomou e ainda hoje conserva o seu nome.» Parece que a morte não o deixou largo tempo no exercicio daquele cargo, tendo sido nele substituido por seu filho Barbaro Gomes, de quem se diz algures «que correu com toda a obra, assistindo aos pagamentos dela e assim o vemos com a bolsa esculpida nas costas da primeira cadeira do côro que pertencia á dignidade do deão». Morreu por 1544.

Segundo se deduz duma informação encontrada no tomo 1.º do antigo Arquivo da Camara do Funchal, era Gil Fernandes escrivão das obras da Sé em 1508, mandando o rei pagar-lhe nesse ano o «aposento diario» pelos serviços que nelas tinha prestado. No ano de 1515 foi passada carta a Braz Correia para servir o mesmo cargo das obras da Sé, do Hospital e da Alfandega.

VI

Objectos artísticos

Passâmos a dar uma rápida notícia dos objectos artísticos e dignos de maior apreço, pertencentes á Catedral do Funchal, começando por fazer menção duma das grandes maravilhas da ourivesaria portuguesa do século XVI, que é uma cruz processional oferecida pelo rei D. Manuel á primeira Sé episcopal, que se fundou nos domínios das novas terras descobertas A-pesar-de extensa, não podemos subtrair-nos ao desejo de transcrever neste lugar a descrição que dessa cruz se encontra na *Historia de Portugal*, de Pinheiro Chagas, preferindo-a á do respectivo Catálogo da exposição, em que ela figurára, por a julgarmos mais completa.

«Foi esta uma das maravilhas da Exposição de Arte Ornamental, em Lisboa, em 1882. E' de prata dourada, cercada toda de um filigranado ou rendilhado, do mais elegante trabalho. Os braços da cruz, terminados cada um por um retábulo fechado por três semicírculos no superior e por quatro nos outros três, apresentam em relêvo Jesus Cristo no horto, o beijo de Judas, a flagelação e o *Ecce Homo*. No alto, fechando inferiormente o retábulo superior, está a fita da inscrição. A figura de Cristo, em alto relevo, está encostada a um ornato elegante de folhas de carvalho, que termina lateral e inferiormente junto ás mãos e aos pés, e superiormente vai até á inscrição, formando aí como que dois voluteados.—Na face posterior, está a imagem de Cristo em pé, sustentando na mão um globo sobrepujado pela cruz. Quatro retábulos, nos extremos da cruz, em correspondencia aos da face anterior, existem na posterior, representando os quatro evangelistas. No rema-

te inferior, antes do nó, acham-se as armas riais de Portugal, lavradas e sustentadas por dois anjos. Todo o moldurado da haste é orlado interiormente por um cordão, que tambem cérca superiormente e inferiormente as armas, e ela assenta sobre uma base hexagonal, tambem ornada na aresta exterior de um cordão.—Inferior a tudo há o pé da cruz, que serve para encaixar em haste de madeira. Entre este e a base ergue-se o belissimo nó. Do pé surgem umas ramadas de carvalho, que parecem sustentar o nó. Este levanta-se em fórma de templo gótico, em três andares, profusamente ornamentado, cercado de corucheus, *arco-botantes* ou *botareus*, todos armados de estatuetas cobertas por baldaquinos do mais exquisito e gracioso lavor.—Ao centro de cada face e de cade andar do nó há uma especie de porta ou janela, toda floreada, e cada uma diminuindo de altura, da inferior para a superior. Todo este corpo ou nó é rematado superiormente, de ambas as faces, posterior e anterior, pelas armas riais de Portugal, sustentadas por dois anjos, como as outras de que já falámos; nas duas faces que ladeiam as armas, resaltam em alto relêvo, as esferas armilares, conhecendo-se que faltam as da face posterior.

«Este portentoso artefacto acha-se um tanto danificado, por mutilações provenientes do tempo.—A cruz é evidentemente do principio do século XVI e deve ter sido dada por D. Manuel, como bem demonstram as armas e esferas, quando em 1514, fez criar o bispado do Funchal.—O esculturado das figuras e uma certa suavidade nas fórmas da cruz, fazem-nos crer que se o artefacto não veiu de fóra e foi lavrado no país, devem ter trabalhado nele artistas extrangeiros da vasta pleiade dos que se achavam estabelecidos aqui, atraidos das suas riquezas, e que até tinham muitas questões com os nacionais».

Acêrca desta preciosa joia de ourivesaria do século XVI, encontramos ainda as seguintes palavras, no vol. III da «Historia de Portugal», de Fortunato de Almeida, que tambem queremos deixar aqui arquivadas :—«Das cruzes da época manuelina ou de desorganisação de estilo gótico, mencionarenios em primeiro lugar uma famosa cruz processional, pertencente á Sé

do Funchal e que data da primeira década do século XVI. Nela há mutilações deploraveis, mas que não obstam á reconstituição do conjunto. Os elementos góticos lá aparecem, mas sem desempenharem papel fundamental, construtivo, antes e unicamente adoptados como elementos decorativos...»

E' de inteira justiça recordar que o imediato retôrno da primorosa cruz á igreja a que sempre pertenceu, depois de haver figurado na Exposição de Arte Ornamental de Lisboa, deve-se especialmente ao conego Feliciano João Teixeira, que, sendo então capitular da Sé do Funchal e deputado por esta ilha, empregou as mais activas diligencias para que ela voltasse sem demora ao lugar da sua procedencia, depois de a haver mandado convenientemente restaurar.

Essa rara preciosidade artística escapou ao terrível saque que os huguenotes franceses deram á cidade do Funchal no ano de 1566, ela que durante dezaseis dias fizeram na população uma horrível carnificina e carregaram onze embarcações de ricos e variados despojos. As mais custosas alfaias de uso do culto tinham sido enterradas entre duas sepulturas recentemente abertas, afastando assim do espírito dos assaltantes a ideia dali se encontrar um precioso tesouro, em que estava «escondido e metido todo o ouro e prata do serviço daquela Sé, calices, cruzes, lampadarios, custódias, pomas, galhetas, turíbulos, caldeirinhas, navetas, maças e finalmente tudo o que de prata havia-se...», segundo a notícia que nos é fornecida pelo autor das *Saudades da Terra*. E ali se encontraria, certamente, a rica cruz processional oferecida por D. Manuel, pois é de presumir que ela tivesse sido remetida para o Funchal durante a vida do monarca, que faleceu quasi meio século antes do assalto dos corsários franceses.

No *Catalogo da Exposição de Arte Ornamental*, ralisada em Lisboa no ano de 1882, além da descrição da famosa cruz, figuram os seguintes objectos, pertencentes á Sé do Funchal, que estiveram expostos naquele certame artístico: «Píxide de prata dourada. Ornamentação de arabescos e algumas aves. A tampa é encimada por uma cruz. Altura 0,m39. Século XVII; «Grande frontal de prata rebatido. Altura 1 metro e compri-

mento 2,m15»; «Campainha de bronze com pé e capa de prata de lavores relevados flores e folhagens. Século XVI».

Temos encontrado algumas referências a uma custódia ou ostensório de prata dourada, da mesma época e talvez do fabrico dos mesmos artífices da cruz que ficou acima descrita, que certamente seria outra preciosidade artística, porventura tambem proveniente da generosa liberalidade do Rei Venturoso. Cremos que esse objecto, em virtude dos estragos que o tempo e o uso lhe causaram, foi ha muito refundido e transformado em outros objectos ornamentais, igualmente destinados ao serviço do culto, e entre estes se deve contar a bela e artística «custodia», que ainda actualmente serve nas principais solenidades. Tambem nos queremos referir á grande e rica «urna» de prata, que encima o rico camarim e que guarda o Santissimo Sacramento, durante a celebração dos actos litúrgicos da quinta e sexta-feira santas.

São dignas de especial menção algumas das alfaias destinadas ao uso privativo da capela do Santissimo Sacramento, entre as quais se destacam o seu sacrário e respectiva maquineta, duas grandes talhas, algumas lanternas e varas do pálio, tudo de prata cinzelada com belos e artísticos lavores, além de primorosos jarrões da India e de alguns ricos paramentos

Entre muitos objectos de valor intrinseco e de aprimorada factura, contava o tesouro da Sé um avultado número de tocheiras e castiçais, grandes lampadários, turíbulos e navetas, um rico gomil chamado dos Bastiões, do nome dos fabricantes, um frontal do altar da capela de São José, calices, galhetas, bandejas e outras alfaias de serviço cultual, tudo de prata, e algumas delas do mais apurado bom gosto.

Sabe-se que D. Manuel ofereceu ainda para a nossa Sé tres valiosas peças, dignas de serem aqui mencionadas: o pulpito, a pia baptismal e a bôca dum pôço ou cisterna, todas de «marmore brecha da Arrabida, trabalhadas em monolitos de grande valor», segundo afirma uma autoridade no assunto. As duas primeiras existem ainda, em excelente estado de conservação, e a terceira desapareceu ao ser soterrada a cisterna de que fazia parte. A seu respeito lemos num antigo manuscrito,

que era de cinco braças de agua e que ficava sita na nave lateral do lado da epistola, o que nos parece uma afirmação algo estranha, acrescentando-se ali, que tendo estado inutilisada durante muitos anos foi, em 1722, restituida ao seu primitivo uso.

Merece referência especial o grande orgão da Sé, durante muitos anos inutilisado, que se encontrava no côro principal e foi mandado construir pelo bispo diocesano D. Jeronimo Fernando, que esteve á testa desta diocese no periodo decorrido de 1624 a 1641. Para a época, foi tido como uma peça de muito valor, tendo sido delineado e traçado o seu desenho pelo padre Antonio Gonçalves e fabricado por um artifice natural de Cordova, por nome João Manuel. Foi ha poucos anos inteiramente remodelado, aproveitando-se o orgão mais pequeno, que servia nos actos do culto e que se achava no antigo côro anexo á capela-mór.

Outra obra, digna de todo o apreço, é o formoso e elegante trono, vulgarmente chamado camarim, que todos os anos de levanta por ocasião das solenidades da Semana Santa, ocupando toda a superficie da ampla capela do Senhor Bom Jesus e elevando-se a uma grande altura, o que, no seu conjunto, oferece um aspecto de supreendente beleza e notavel aparato. E' formado por inumeras peças abertas em excelente talha de madeira dourada, que no tempo da sua construção, principios do seculo XIX, era considerado o mais grandioso de todas as igrejas portuguesas.

VII

A sua benção e sagração

A primeira paróquia criada na Madeira, e a que verdadeiramente se pode dar esse nome, foi a de Santa Maria Maior ou de Nossa Senhora do Cálhau, que teve seu principio, como freguesia autónoma, pelos anos de 1440. Aproximadamente setenta anos mais tarde e no ano de 1508, fez-se a transferência da séde dessa paroquia para a Igreja Grande, como então se chamava ao novo templo, que em breve seria elevado á categoria de Sé Catedral. Foi benzido nesse ano, a-pesar-das obras de construção se encontrarem ainda bastante atrazadas e sómente se procedeu á sua solene sagração no ano de 1516.

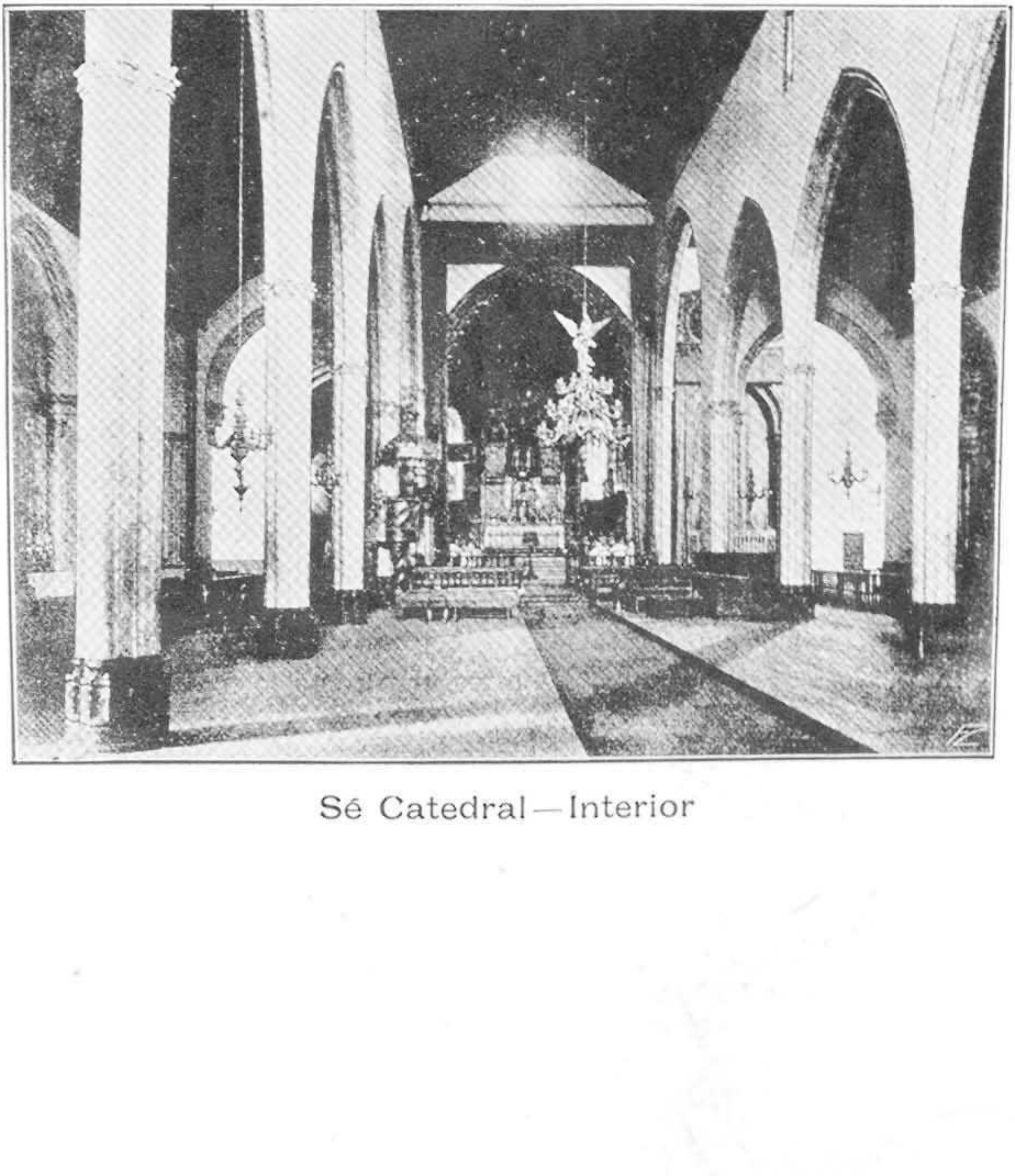
A tal respeito, deixou-nos o dr. Gaspar Frutuoso, nas *Saudades da Terra*, a seguinte notícia, que julgamos corresponder inteiramente á verdade: «No ano de 1516, por o primeiro bispo do Funchal ser ocupado no serviço de el-rei como desembargador do Paço e impedido em negocios de el-rei, mandou á cidade do Funchal um bispo, que se chamava D. Duarte, o qual, por ele não poder vir, crismou e deu ordens e regulamento na Sé e executou outros ministerios competentes a seu oficio e cargo, e consagrou a Sé da cidade do Funchal em dia de São Lucas, 18 de Outubro, com muita solenidade e benzeu um dos sinos que puzeram na torre da mesma, e fez muitas outras cousas necessarias.»

O erudito comentador das *Saudades*, que sempre oferece maior segurança nas suas informações do que aquelas que nos dá o autor da referida obra, equivocou-se evidentemente neste ponto, como já em outro lugar tivemos ocasião de notar, escrevendo as seguintes linhas:

«O ilustre anotador da obra de Frutuoso dá a igreja por concluida em 1508 e diz que foi nesse ano sagrada pelo bispo D. João Lobo, emquanto que o historiador das ilhas assinala o dia 18 de Outubro de 1516 como o da sagração e afirma que foi sagrante o bispo D. Duarte. Neste ponto, estamos com o autor e não com o comentador das *Saudades*. Em várias antigas crónicas, temos encontrado a notícia de que a nossa Sé foi sagrada no ano de 1516, sendo talvez o dr. Rodrigues de Azevedo o unico que assevera que o foi no ano de 1508. Além disso, em todos os escritos de caracter eclesiástico que pudémos consultar se afirma que a sagração foi feita pelo bispo D. Duarte e não resta dúvida que este prelado veiu a esta ilha por mandado do primeiro bispo D. Diogo Pinheiro, nomeado no ano de 1514, por ocasião da criação da Diocese.»

Não pode duvidar-se que a sagração da Sé Catedral se realisou a 19 de Outubro, dia em que a Igreja Católica celebra a festa do evangelista São Lucas, data esta que entre nós se conservou sempre na tradição e que ainda hoje é confirmada pela solenidade que anualmente se faz nesse dia no templo da Sé em comemoração daquele facto. Desde séculos que o respectivo calendário diocesano impõe a todo o clero deste bispado a celebração da missa da Dedicação da Santa Igreja Catedral Funchalense no dia 19 de Outubro, e tambem estabelece para o mesmo dia a recitação das Horas Canonicas de harmonia com o rito prescrito para a celebração do Santo Sacrificio da Missa.

Julgâmos que a discrepancia apontada resulta dum simples equívoco. A igreja da Sé foi benzida em 1508, quando para ela se fez a transferência da séde da freguesia de Santa Maria Maior, tendo nesse ano vindo á Madeira o bispo D. João Lobo, que aqui se demorou aproximadamente um ano. Pode, porventura, ter acontecido que este prelado procedesse á benção da Sé, sendo, porém, o bispo D. Duarte que presidiu á sua sagração solene, que são actos litúrgicos bastante diferentes, havendo nesta diocese poucas igrejas sagradas e sendo o maior número delas simplesmente benzidas. E a proposito diremos que a igreja da Sé Catedral (1516), as paroquiais do Estreito



Sé Catedral — Interior

de Camara de Lobos (1814), de Nossa Senhora do Monte (1818) e de São Martinho (1918), as capelas da Lombada dos Esmeraldos na Ponta do Sol (1508) e a do Faial no Caminho do Palheiro (segunda metade do século XVI) são as únicas desta diocese de que temos conhecimento de haver recebido a sagração solene, que só pode ser ministrada por um prelado, conforme o exigem os preceitos da liturgia católica.

Admitindo-se, pois, aquela provavel hipotese, poderemos conciliar as opiniões do autor das *Saudades da Terra* e do seu anotador, estabelecendo-se, no entretanto, como ponto incontroverso, que a sagração solene da Sé Catedral do Funchal se realisou no dia 18 de Outubro de 1516, sendo sagrante o bispo titular D. Duarte.

VIII

Pessoal Eclesiástico

A propria Bula *Pro excellenti Proeminentia*, de 12 de Junho de 1514, que criara a Diocese do Funchal, fixou desde logo o primitivo quadro do cabido da nova Sé, que ficou constituido com as quatro dignidades de deão, arcediago, chantre e tesoureiro-mór e mais doze capitulares. Ao tempo, funcionava na igreja, então erecta em Sé Catedral, uma colegiada composta de um vigario e quinze beneficiados, que, em virtude das disposições do mesmo decreto pontificio, foram elevados, o respectivo paroco Fr. Nuno Cão á dignidade de deão, os três beneficiados mais antigos ás três outras dignidades já referidas e os restantes providos em dôze conezias.

Com o decorrer dos tempos, expediram-se várias cartas régias criando novos lugares ou melhorando os já existentes, conforme as circunstancias de ocasião aconselhavam ou o serviço do culto ia progressivamente exigindo. Nas anotações às *Saudades da Terra* e em vários antigos manuscritos, temos deparado com a menção de muitos desses diplomas emanados do poder rial, mas alguns deles não se harmonizam entre si e são discordantes nas respectivas datas, e porisso vamos limitar-nos a mencionar apenas os principais alvarás e cartas régias citadas no «Indice Geral do Registo da Antiga Provedoria da Real Fazenda desde o ano de 1419 até o de 1775 da extinção da mesma Provedoria», que é um índice ou resumo, de caracter oficial, dos documentos expedidos pelo governo da metrópole ácêrca do preenchimento dos diversos cargos civis, eclesiásticos e militares, que iam sendo criados ou providos nêste arquipélago.

Nos primeiros tempos, o serviço religioso, que em comum se realizava no côro com a recitação das Horas Canonicas e com as outras funções do culto, era sòmente desempenhado pelos cónegos, como aliás aconteceu antigamente em muitas sés catedrais, tendo sido pelo alvará régio a 5 de Maio de 1539, que se criaram os primeiros quatro lugares de capelães ou beneficiados, a que sucessivamente se acrescentaram mais dois capelães, por alvará de 10 de novembro de 1557, outros dois, por alvará de 9 de fevereiro de 1558, e ainda mais outros dois, por alvará de 18 de junho de 1578.

O cabido foi aumentado com duas meias conezias ou cónegos de meia prebenda, por alvará régio de 5 de Maio de 1536, e de novo acrescentado com outros dois meios canonicatos, por alvará de 5 de setembro de 1577, ficando então constituido com dezasseis capitulares de prebenda inteira e mais quatro de meia prebenda, além dos dôze beneficiados ou capelães do côro. Por 1590, foi de novo criada a dignidade de mestre-escola e ainda em 1607, por alvará de 9 de agosto, a de cónego doutoral ou teologal, sendo esta provida numa das conezias já existentes. Ficou então o cabido da Sé do Funchal aparatosamente composto de vinte e um capitulares, dos quais seis investidos em dignidades, organisação esta que perdurou quasi até á idade contemporânea.

Nos anos de 1538, 1564, 1566, 1577 e 1612 foram respectivamente criados os lugares de sacristão-mór, sub-chantre, mestre de capela, altareiro e mestre de cerimonias, sendo quasi todos estes cargos cumulativamente exercidos com os de capelães-cantores.

Pelas várias referências que temos encontrado ácêrca do pessoal da Sé Catedral, sabemos que ele se manteve inalteravelmente, como deixamos indicado, até o fim da primeira metade do século XIX, desconhecendo as alterações que porventura tenha sofrido posteriormente áquela época.

Não fazemos aqui menção dos inúmeros diplomas oficiais, indicados no citado *Indice... da Provedoria* e referéntes ao aumento das respectivas côngruas e ainda a outras particularidades de administração eclesiastica, porque isso nos levaria

muito longe e por não oferecer grande interesse ao assunto dêste nosso pequeno estudo.

O Cabido da Sé do Funchal, por ocasião da elevação desta diocese á categoria de arcebispado em 1533, foi dotado com algumas regalias e privilegios inerentes ás Sés metropolitas, que foram suprimidas com a extinção da arquidiocese no ano de 1551. Apenas se conserva o uso, como recordação histórica do facto, dumas *maças* de prata, em certas solenidades, e tambem duma cruz de dois braços, que são insígnias privativas dos arcebispados. Num escrito de meados do seculo XVIII, encontramos, a tal respeito, esta informação:—«Depois de ficar esta ígreja reduzida a bispado, ficou contudo conservando muitas cousas até o dia de hoje, que pertenciam unicamente á Igreja Metropolita. Em todas as procissões do Cabido, leva este cruz de dois braços; nos dias classicos vão á estante seis capelães com maças; e sendo dignidade que oficie vão dois meios cónegos e quatro capelães, tanto nas procissões e estações como ás Laudes e Vesperas cantadas».

No ano de 1818, foi o Cabido do Funchal agraciado com o privilegio do tratamento de *Senhoria*, que não sómente poderia ser por ele usado como corpo capitular, mas ainda individualmente por cada um dos seus membros.

Havendo-nos agora ocupado do pessoal eclesiástico da Sé do Funchal, julgâmos ser esta a ocasião oportuna de apresentar uma breve resenha dos membros mais distintos do respectivo Cabido, de que pudémos alcançar noticia e que temos por muito incompleta.

O primeiro deão e o mais antigo membro do corpo capitular foi Nuno Cão, freire qualificado da Ordem de Cristo, que no dizer de Gaspar Frutuoso «era mestre em teologia e mui bom letrado», tendo deixado do seu nome as mais honrosas tradições. Era na Madeira o representante daquela Ordem e superintendia em todos os negocios eclesiásticos, havendo sido escolhido para o importante cargo de deão, por ocasião de ser criada a diocese.

As antigas crónicas madeirenses e particularmente as *Saudades da Terra* referem-se com o mais alto louvor ao presente

que o faustoso Simão Gonçalves da Camara, terceiro capitão-donatario do Funchal, enviou ao Papa Leão X, que consistiu, além «dum cavalo persio... e de muitos mimos e brincos da ilha, de conservas... e o Sacro Palacio todo feito de assucar e os Cardiais todos de alfenim, dourados a partes... e feitos da estatura de hum homem...». Era assessor e secretario da *embaixada*, que conduzia a oferta ao Pontífice, o conego da Sé, Vicente Martins, homem de vasta cultura e distinto humanista, que em Roma, na presença do grande Papa e da côrte pontificia, proferiu uma alocução na lingua latina, apresentando os membros da *embaixada* e os valiosos objectos ofertados por Simão Gonçalves da Camara, que tinha na capital do orbe católico seu filho, o bispo D. Manuel de Noronha, como secretario particular de Leão X.

Jeronimo Dias Leite, segundo o testemunho de Frutuoso, foi pessoa de grande cultura e muito dado a investigações históricas, tendo sido ele que principalmente forneceu ao historiador das ilhas os indispensaveis materiais para a elaboração das *Saudades da Terra* na parte respeitante ao arquipélago da Madeira, encontrando-se em diversos passos dessa obra varias e elogiosas referencias aos méritos daquele capitular da nossa Sé.

O Cónego Manuel Afonso Rocha, que foi um distinto membro do Cabido, fundou em 1638 um mosteiro ou recolhimento na rua que ainda hoje conserva o nome de Mosteiro Novo, que por imperiosos motivos não teve o destino para que fôra criado, sendo nele instalado o Seminario Diocesano nos ultimo quartel do seculo XVII.

O Cónego Henrique Calaça de Viveiros, natural da ilha do Porto Santo, fizera voto de levantar um mosteiro, em honra e louvor da Virgem da Incarnação a quem era muito devotado, quando o seu país se libertasse inteiramente do jugo castelhano e retomasse a sua antiga independência. Cumpriu religiosamente o seu voto, fazendo erguer, no ano de 1589, o modesto convento com sua igreja adjunta, no sitio em que actualmente se encontra o Seminario Diocesano Dom Manuel Agostinho Barreto.

O Cónego Manuel Ribeiro Neto, que era formado em

direito canónico e desempenhou nesta diocese os lugares de vigario geral e governador do bispado, foi um apreciado escritor e publicou algumas obras, que veem mencionadas na *Bibliotecd Lusitana* de Barbosa Machado. Era natural do Funchal e faleceu a 3 de Janeiro de 1681.

Simão Gonçalves Cidrão, arcediago e deão da nossa Sé e eclesiastico que gosava do maior prestigio nesta ilha, foi o fundador do Recolhimento do Bom Jesus da Ribeira pelos anos de 1665 e ali jaz sepultado, estando aquela instituição prestando ainda actualmente um bom serviço de assistencia a muitas das pessoas ali recolhidas.

O Cónego Antonio Veloso de Lira (1616-1691), que é considerado um dos mais distintos madeirenses do seu tempo, notabilisou-se como escritor e exerceu diversos cargos eclesiásticos (Vid. *Elucid. Mad.* II. 68).

O Cónego Pedro Correia Barbosa grangeou muita nomeada como orador sagrado e publicou alguns dos seus sermões, chamando-lhe Diogo Barbosa Machado um insigne prégador. Foi vigario geral e governador do bispado e fundou a capela de São Francisco, conhecida pelo nome de São Francisco das Furnas, no Caminho de Santo Antonio, que passou ao morgadio Jervis de Alouguia

Manuel da Cunha Pinheiro, irmão do prelado diocesano D. José de Sousa Castelo Branco, «que depois de servir na Inquisição de Evora foi deputado, promotor e inquisidor na de Lisboa, donde subiu a deputado do Conselho Geral».

João Francisco Lopes Rocha (1747-1818), formado em cânones, deão e governador da diocese, foi um ilustre madeirense da sua época (Vid *Elucid. Mad.* II—75)

Antonio Joaquim Gonçalves de Andrade (1795-1868) deão, bacharel em cânones e secretario de D. Amelia Imperatriz do Brasil, possuia uma vasta ilustração e cultivava distintamente as letras, havendo sido um dos melhores colaboradores daquela magnanima soberana na fundação do Hospicio da Princesa D. Maria Amelia (*El. Mad.* I—59)

Antonio Lopes de Figueiredo (1836-1898), formado em teologia, professor de ciencias eclesiásticas, distinto orador

sagrado, tendo publicado alguns dos seus discursos. Morreu arcipreste da Sé de Braga.

Dom Aires de Ornelas de Vasconcelos (1837-1880), doutor em teologia, deão, bispo do Funchal e arcebispo de Gôa, foi um dos mais ilustres filhos da Madeira, que pelas suas eminentes virtudes, brilhante talento e larga cultura melhor soube honrar o país em que nasceu (Vid. *Obras de D. Aires de Ornelas de Vasconcelos* e *Elucid. Mad.* II—249)

O Cónego Custodio de Morais e Brito, bacharel formado em teologia e direito, distinto professor e orador, possuia uma larguissima cultura geral e teológica, tendo exercido no Funchal varias comissões de serviço público e eclesiastico. Morreu na cidade do Porto.

Alfredo Cesar de Oliveira (1840-1908) distinguiu-se notavelmente como orador, jornalista, politico e parlamentar (*El. Mad* II-234)

Feliciano João Teixeira (1843-1906) desempenhou diversas comissões de serviço público, exerceu o professorado e representou a Madeira em côrtes, tendo morrido cónego da Sé Arquiepiscopal de Evora, bem como o antecedente.

Manuel Esteves Fazenda (1845-1903) foi distinto professor, orador, politico e jornalista.

João Joaquim Pinto, (1851-1919) bacharel em teologia, deão, professor e autor de diversas publicações.

IX

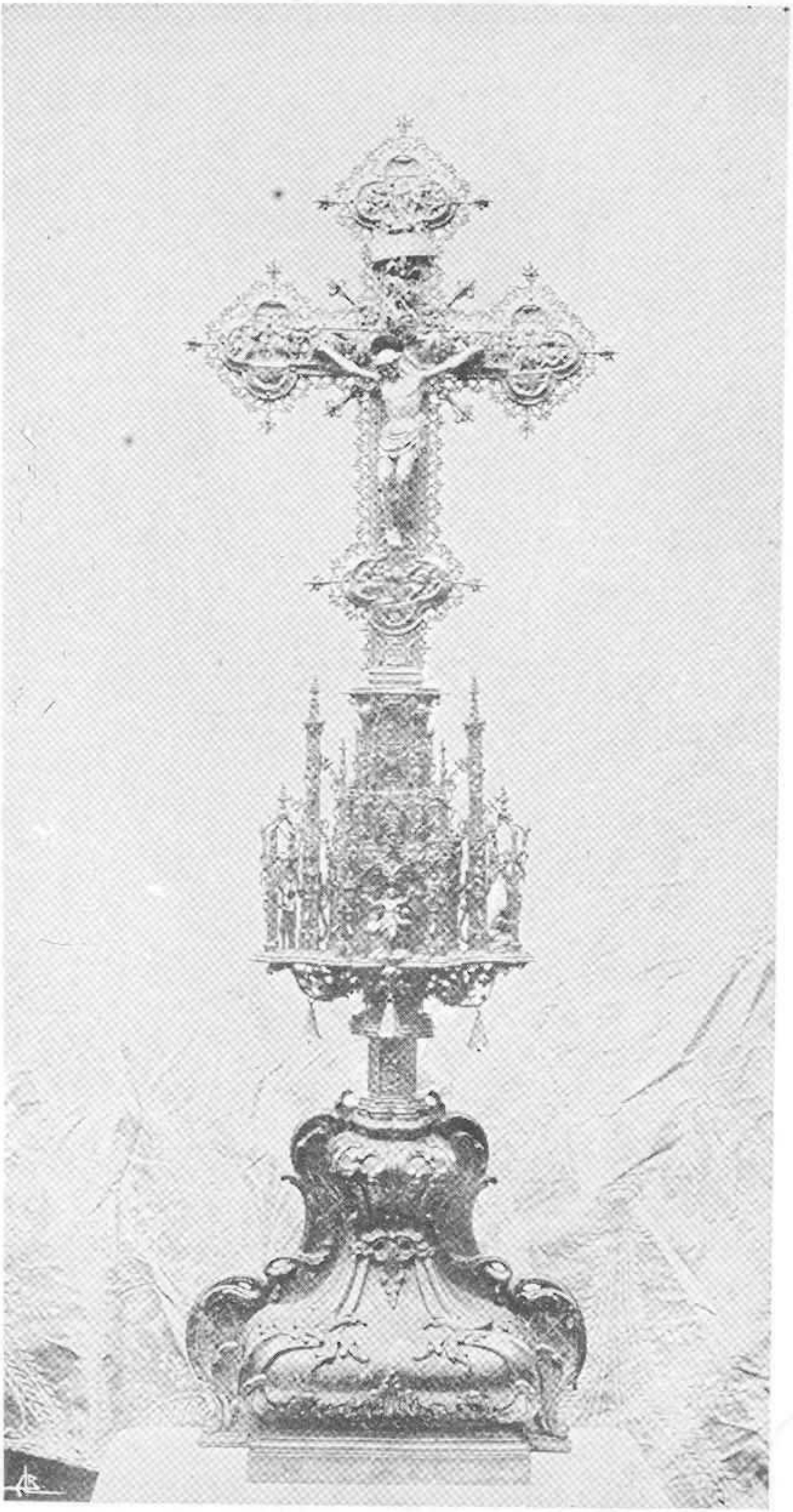
Sepulturas

Era a igreja do extinto convento de São Francisco o verdadeiro panteão da maior parte das antigas e distintas familias madeirenses, que tinham ali os seus carneiros e sepulturas, cobertos com pedras de belos mármores, ostentando muitas delas os seus epitáfios brazonados. Em quasi todas as igrejas paroquiais, nas igrejas de Santa Clara, de São João Evangelista, de Nossa Senhora do Carmo e ainda em bastantes capelas particulares, existiam tambem muitos jazigos privativos de varias familias desta ilha. São ainda dignos duma visita os interessantes túmulos que ladeiam as paredes da capela-mór da igreja do Carmo e o de João Gonçalves Zargo na igreja do antigo convento de Santa Clara.

Como aconteceu com a maioria das sepulturas espalhadas nas diversas igrejas e capelas, as pedras tumulares da Sé Catedral ficaram, na sua quasi totalidade, escondidas sob os pavimentos de madeira, quando os enterramentos deixaram de realisar-se dentro do recinto dos templos, tornando-se deste modo muito dificil descobrirem-se agora os jazigos das pessoas mais distintas que ali tiveram as suas ultimas moradas.

Sabemos que as sepulturas de alguns prelados desta diocese, depostas na capela-mór, foram cobertas com lapides em que se lêm inscrições tumulares, que hoje se acham inteiramente ocultas sob o madeiramento que as cobre.

Vamos dar os nomes de diversos individuos de elevada cotação social ou mental no meio madeirense, a começar pelos prelados diocesanos, que neste templo tiveram as suas derdeiras jazidas, a-pesar-de conjecturarmos que não fazemos



Cruz oferecida por D. Manuel I

menção da maior parte dessas pessoas, por nos escassearem os elementos indispensaveis para isso.

O Bispo D. Luis Figueiredo de Lemos (1586-1608). Faleceu no Funchal a 26 de Novembro de 1608 e foi sepultado na capela de São Luis, por ele erigida junto do antigo Paço Episcopal e que ainda se conserva de pé, tendo os restos mortais dêsse prelado sido trasladados para a Sé Catedral no ano de 1893 e inumados no chão da igreja, a dentro do guarda-vento, e cobertos com a mesma lousa sepuleral, existente naquela antiga capela, onde se lê o seguinte epitáfio: *Aqui jaz Dom Luiz Figueiredo de Lemos, Bispo que foi do Funchal. Faleceu a XXVI de Novembro de MDCVIII.*

Bispo D. Fr. Gabriel de Almeida (1671-1674). Morreu a 13 de Julho de 1674 e algures se diz que «debaixo do presbiterio (na capela-mór) está um carneiro onde jaz sepultado».

Bispo D. Fr. Antonio Teles da Silva (1675-1682). «Tendo pedido por humildade sepultura por debaixo da pia da agua benta na sua Sé, lha deu o cabido dela no pavimento da capela-mór, junto do primeiro degrau que sobe para o altar; na campa se lhe pôs este epitáfio: *Aqui jaz o Illustrissimo Senhor D. Fr. Antonio Teles da Silva, filho de João Gomes da Silva, Regedor que foi da Relação do Porto e de Lisboa. Faleceu a 14 de Fevereiro de 1682*».

Bispo D. João do Nascimento (1741-1753). Morreu a 5 de Novembro de 1753, tendo sido inumado no côro da capela-mór.

Bispo D. Gaspar Afonso da Costa Brandão (1757-1784). Faleceu a 14 de Janeiro de 1784 e foi sepultado na capela mór.

Bispo D. Luis Rodrigues de Vilares (1797-1810). Morreu a 10 de Outubro de 1810 e teve sepultura junto do altar-mór.

O Arcebispo D. Aires de Ornelas de Vasconcelos. Foi bispo do Funchal de 1871 a 1874 e depois arcebispo de Gôa, tendo morrido em Lisboa a 28 de Novembro de 1880 e sendo os seus restos mortais trasladados para esta ilha no ano de 1903 e sepultados no jazigo de familia na capela de Santo Antonio da Sé Catedral, lendo-se na pedra tumular esta inscrição: *Aqui jaz D. Aires de Ornellas de Vasconcellos. Nasceu no Funchal a 18 de Setembro de 1837. Bispo de Gerasa «in partibus infidelium»*.

Coadjutor e futuro sucessor do Funchal. Bispo do Funchal. Arcebispo de Goa e Primaz do Oriente a 19 de Novembro de 1874. Morreu em Lisboa a 28 de Novembro de 1880.

Alvaro de Ornelas, que foi um ilustre fidalgo e fundador da capela de Santo Antonio da Sé Catedral, faleceu a 11 de Janeiro de 1526 e foi sepultado, como o anterior, no jazigo da sua familia existente na referida capela.

Corregedor Francisco Rodrigues, distinto membro da antiga magistratura, que no desempenho do seu cargo nesta ilha, donde era natural, prestou assinalados serviços e ainda em muitos outros ramos de administração publica. Faleceu em 1577.

Cónego Antonio Veloso de Lira (1619-1691), distinto escritor, que morreu a 4 de Janeiro de 1691 e foi enterrado na capela-mór (*E. Mad.* II-68).

Governador e capitão general deste arquipélago (1701-1704) João da Costa de Athaide e Azevedo faleceu a 8 de Março de 1704.

Cónego Pedro Correia Barbosa, grande orador segrado e fundador da capela de São Francisco das Furnas, que morreu a 3 de Fevereiro de 1709, tendo sepultura na capela-mór.

Deão Antonio Correia Henriques Betencourt, capelão da Casa Real e Comissario do Santo Oficio, falecido a 25 de agosto de 1725.

Francisco Vieira, mais conhecido pelo nome de *Vieira Portuense*, ilustre pintor português, a quem uma morte prematura não deixou revelar toda a pujança do seu grande talento, faleceu no Funchal a 2 de Maio de 1805, tendo sido sepultado na Sé Catedral em local, que hoje não se pode determinar.

Corregedor e distinto magistrado Dr. João Antonio da Silva Bacelar Alvares das Asturias, que morreu a 21 de Abril de 1810.

Governador e capitão-general Luiz Beltrão de Gouveia e Almeida (1813-1814) morreu a 1 de Julho de 1814 e teve sepultura na capela do Santissimo Sacramento.

Deão dr. João Francisco Lopes Rocha (1747-1819), um dos mais distintos madeirenses da sua época, falecido a 8 de Maio de 1819 (*E. Mad.* II-75).

Dr. Luis Antonio Jardim, distinto poeta e advogado, que

faleceu nesta cidade a 14 de Fevereiro de 1825.

Deve aqui referir-se que junto da porta lateral, que olha ao norte, encontra-se uma sepultura, que tem despertado a atenção de muitos visitantes e que mereceu do distinto arqueólogo dr. Pedro Vitorino uma referencia especial no seu recente e bem elaborado opusculo intitulado *Laminas Sepulcrais de Bronze*. Tem-se afirmado, embora erradamente, que ali se acham sepultados o fidalgo flamengo João Esmeralhio e sua mulher (Vid. o opusculo *Lombada dos Esmeraldos*), estando a respectiva lagea sepulcral coberta com duas placas de bronze, que a tornam singularmente original e interessante. Diz o dr. Pedro Vitorino: «As placas tumulares de bronze existentes em Portugal são bem raras — seis apenas. Alem daquelas a que me referi, encontram-se mais duas, separadas, na igreja dos Loios, em Evora e outras duas, conjuntas, na Sé do Funchal... Pode dizer-se ignorada, visto não lhe ter sido feita qualquer referencia publica. As figuras orçam por 0m,90 de altura. Uma está mutilada. Assentam sobre lousa, possivelmente pedra azul da Belgica, de que há varios exemplares com incrustações de metal lá fóra, visto um dos centros produtores de mais obras ser a Flandres. A reduzidissima serie de láminas sepulcrais de bronze do nosso pais oferece-nos exemplares dos dois tipos conhecidos: uma pedra onde a figura se fixa recortada numa lámina metálica (Funchal) que é o mais frequente no estrangeiro, e uma folha inteira de metal, na realidade formada de varias peças ligadas, menos numerosas mas que compreende os especimens mais belos e mais ricos (Evora, Leça do Bailio, Penafiel)». No folheto, que fica citado, reproduz-se pela gravura a fotografia da sepultura existente na nossa Sé Catedral, já hoje muito danificada, que pela sua grande originalidade e raridade deve ser cuidadosamente conservada. Já em 1844 o dr. J. M. Neale se referiu a esta sepultura numa comunicação feita a uma sociedade cientifica de Cambridge

Do outro lado da igreja e junto da porta que olha ao sul, encontra-se uma sepultura semelhante áquela, que tambem foi revestida com uma cobertura de metal, de que actualmente só restam alguns vestigios.

X

Arquivo, galeria de retratos e nota bibliográfica

Merece particular referência a importante colecção de documentos, existentes no arquivo da Sé do Funchal, que ha alguns anos foram encorporados no Arquivo Nacional da Torre do Tombo e que ali se encontram sem um metódica catalogação, que facilite a sua consulta aos estudiosos. Deve-se especialmente ao grande prelado D. Luis Figueiredo de Lemos, que, por decreto episcopal de 22 de Agosto de 1586, ordenou a criação de um cartorio, estabelecendo «que se fizessem tomos onde, para conservação se lançassem os treslados e memorias antigas», e nomeando o conego Gaspar Nunes para assumir a direcção dele.

O ilustre anotador das *Saudades da Terra* classificou de rica essa colecção, e num desenvolvido estudo acerca do Arquivo da Torre do Tombo, lê-se «que a catalogar..., destacando-se por sua importancia o cartorio da colegiada de Guimarães e o da Sé do Funchal...», Do arquivo da Sé do Funchal foram transferidos para a Torre do Tombo cêrca de sessenta volumes encadernados, além de algumas dezenas de maços de documentos avulsos, existindo de uns e de outros um catálogo imcompleto e muito deficiente, que não torna facil o estudo e a consulta desses documentos ás pessoas que não possam dispôr de largo tempo para esse fastidioso trabalho.

Não queremos esquecer a interessante galeria de retratos dos prelados, que teem ocupado o sólio episcopal funchalense no longo periodo de quatro séculos. São umas dezenas de telas

a oleo, algumas delas já bastante antigas, que talvez não primem pelo esmerado da factura, mas que constituem uma valiosa documentação para a historia religiosa da diocese. Acham-se todas em bom estado de consevação e convenientemente dispostas numa ampla sala da casa capitular. Pode chamar-se completa essa galeria, pois que embora ali se não encontre ainda o retrato do bispo D. José Xavier Cerveira e Sousa (1844-1848), pela grande dificuldade que tem havido em obter-se uma cópia do respectivo retrato original, vai em breve suprir-se essa deficiencia com a colocação desse retrato, copiado duma primorosa téla que existe na vila de Mogofôres, no proprio solar em que aquele prelado nasceu em 1797 e nele veiu a morrer no ano de 1862.

No primeiro capitulo deste opúsculo deixámos acentuada a carencia dum estudo completo ácêrca da Sé do Funchal, em que a sua historia, a sua arquitectura e as suas preciosidades artísticas fossem apresentadas com o rigor e com o brilho, que incontestavelmente está a exigir esse importante monumento nacional. Nenhumas das noticias descritivas que se conhecem satisfazem áqueles indispensaveis requisitos, porque algumas delas apenas se ocupam do assunto sob aspectos muitos restritos, quer sejam arquitectónicos, artisticos ou historicos, e outras hn em que predominam a fantasia, a hipérbole, a inteira ausencia de conhecimentos especialisados e ainda o manifesto proposito de apoucar a beleza e a magnificencia do sentuoso edifício. No entretanto, vamos deixar aqui uma nota súmaria das principais ospecies bibliográficas que possam interessar a esta materia, embora a maior parte delas não ofereçam muitos e valiosos elementos para esse interessante estudo, que, no seu conjunto, está ainda inteiramente por fazer. Daremos noticia delas, por ordem cronológica.

1590—E' a mais antiga descrição de que ha noticia e encontra-se no texto das *Saudades da Terra*, do dr. Gaspar Frutuoso, publicadas no ano de 1873, das quais se conhecem muitrechos trasladados em diversos manuscritos.

1635—Manuel Tomás, no seu poema *Insulana*, quis cantar

em verso as magnificencias da Sé do Funchal, dedicando-lhe seis estancias em oitava-ruina, que embora não primem pela alteza dos conceitos e pela beleza da fórma, oferecem todavia um certo interesse por algumas particularidades de caracter descritivo e ainda pelo pitoresco original da narrativa

1717—A *Historia Insulana*, do P.e Antonio Cordeiro, que é um resumo muito imperfeito das *Saudades da Terra*, encerra uma pequena descrição servilmente extraida da obra de Gaspar Frutuose.

1806—O poeta Francisco Paula Medina e Vasconcelos, no canto VI do poema *Zagueida*, consagra alguns maus versos a descrever a Sé Catedral.

1844—Na *Cambridge Camden Society* e subordinada ao titulo *On the ecclesiology of Madeira*, fez o rev J. M. Neale a leitura duma comunicação ácerca de varias igrejas e capelas desta ilha, ocupando-se com mais largueza da Sé Catedral do Funchal, á qual dedica uma meia duzia de paginas. A descrição respeitante a este templo, apesar-de conter diversos pormenores interessantes e inéditos, está geralmente feita em tom depreciativo e encerra erros e inexactidões dignas de reparo.

1873—O dr. Alvaro Rodrigues de Azevedo, nas suas eruditas anotações ás *Saudades da Terra*, consagra algumas paginas ao mesmo assunto.

1891—O livro *Madère*, da autoria do marquês de Degli Albizzi, tambem se ocupa da Sé do Funchal.

1906—A «Architectura da Renascença em Portugal» por Albretch Haupt encerra elementos apreciaveis para um estudo ácêrca desse edificio.

1927—*A Ilha da Madeira* pelo marquês Jacome Correia.

1928—*Histoire de l'Art* por André Michel.

1934—*Historia del Hispanico* por Juan Contreras.

1936—*Terra Nossa* por Emanuel Ribeiro.

1936—Relatorio da visita oficial feita ao edificio da Sé pelo arquitecto Raul Lino.

XI

A criação da Diocese do Funchal e os seus prelados

Aos capitulos que atrás ficam transcritos acêrca da Sé Catedral, extratados do livro «Diocese do Funchal», em via de publicação, julgamos conveniente acrescentar algumas linhas referentes á criação do Bispado, que tem a sua séde na mesma Igreja Catedral, fazendo-as acompanhar duma relação sumaria dos seus vinte e sete prelados, no já longo periodo de quatro séculos.

E' sabido que a primeira colonisação madeirense se desenvolveu com notavel rapidez, se atentarmos na disiancia a que esta ilha se achava dos centros europeus, na enorme dificuldade das comunicações e nos deficientissimos meios de povoamento em gente, em dinheiro e em outros elementos duma eficaz acção civilisadora. A excepcional benignidade do clima, a exuberante fertilidade do sólo, o trabalho dos escravos africanos e mais que tudo a energia e a vitalidade dos sesmeiros continentais supriram vantajosamente aquelas falhas e insuficiencias.

A este progredimento colonisador andou sempre associada uma correlativa expansão social e religiosa, que logo se assinalou pela construção de muitas igrejas e capelas, pela criação de várias paroquias providas com o indispensavel pesssoal eclesiatico e ainda pela edificação do suntuoso templo que viria a ser a futura Sé Catedral.

Fazia-se, porém, sentir imensamente a falta da acção imediata e evangelisadora de um prelado, que não sómente viesse desempenhar as funções do seu alto ministerio episcopal e

particularmente a administração dos sacramentos da confirmação e da ordem, mas ainda fazer imprimir a todos os serviços religiosos uma direcção mais proveitosa e mais disciplinadora de harmonia com as leis gerais da Igreja Catolica. Os habitantes do arquipélago e os respectivos capitães donatarios solicitaram por varias vezes a satisfação desta urgente necessidade, mas esses instantes pedidos não obtiveram o rapido deferimento que eles desejavam.

Vai finalmente ser decretada a criação da Diocese do Funchal, a que parece não ter sido inteiramente entranha a circunstancia de elevar-se á dignidade episcopal o então Vigario de Tomar dr. Diogo Pinheiro, o mais qualificado membro eclesiástico da ordem de Cristo, a que a Madeira pertencia no espiritual, e pessoa da maior consideração e privança do rei venturoso D. Manuel. Foi a Bula *Pro excellenti proeminentia* do Papa Leão X, de 12 de Junho de 1514, que criou o Bispado do Funchal, estabelecendo um cabido composto de quatro dignie mais doze cónegos e fixando a sua séde na igreja de Santa Maria, então erecta em Catedral, onde se achava instalada a unica paroquia, que ao tempo existia nesta cidade. Esta diocese, que foi a primeira criada nas novas terras descobertas, estendia a sua jurisdição até as terras do oriente, sendo o bispado de mais ampla área que tem existido.

Em 1533 foi a diocese elevada á categoria de arcebispado, tendo os bispados sufraganeos de Angra, Cabo Verde, São Tomé e Gôa, dioceses estas que no ano de 1539 passaram á jurisdição da provincia eclesiatica de Lisboa. O arcebispado do Funchal, que teve a D. Martirdio de Portugal como unico arcebispo, não logrou uma grande duração, tendo sido extinto no ano de 1551 pelo breve *Super Universis*. Ficou reduzido a simples diocese, compreendendo apenas as ilhas da Madeira e Porto Santo e o pequeno arquipélago de Arguim adjacente á costa africana.

O primeiro bispo da Diocese do Funchal foi, como fica dito, D. Diogo Pinheiro, nomeado pela propria Bula que criou o bispado, tendo exercido esse cargo desde 1514 até 1526, ano do seu falecimento. Nunca veio á sua diocese.

2.º Bispo e único Arcebispo D. Martinho de Portugal, de 1533, ano da elevação da Diocese a Arquidiocese, até a morte deste prelado no ano de 1547. Tambem não veiu ao seu arcebispado.

3.º Bispo D. Fr. Gaspar do Casal (1552-1555). Não chegou a vir ao Bispado.

4.º Bispo D. Jorge de Lemos (1556-1569). Foi o primeiro prelado diocesano que residiu na Madeira.

5.º Bispo D. Fernando de Tavora (1570-1573). Nunca veiu á Diocese.

6.º Bispo D. Jeronimo Barreto. (1574-1585).

7.º Bispo D. Luís Figueiredo de Lemos (1586-1608). Faleceu no Funchal.

8.º Bispo D. Fr. Lourenço de Tavora (1610-1617).

9.º Bispo D. Jeronimo Fernando (1618-1650).

10.º Bispo D. Fr. Gabriel de Almeida (1671-1674). Morreu na Madeira.

11.º Bispo D. Fr. Antonio Teles da Silva (1675-1682). Faleceu no Funchal.

12.º Bispo D. Estevão Brioso de Figueiredo (1685-1689).

13.º Bispo D. Fr. José de Santa Maria (1690-1696).

14.º Bispo D. José de Sousa Castelo Branco (1698-1721).

15.º Bispo D. Fr. Manuel Coutinho (1725-1740).

16.º Bispo D. Fr. João do Nascimento (1741-1753). Morreu no Funchal.

17.º Bispo D. Gaspar Afonso da Costa Brandão (1757-1785). Faleceu nesta ilha.

18.º Bispo D. José da Costa Torres (1787-1796).

19.º Bispo D. Luís Rodrigues de Vilares (1798-1810). Morreu no Funchal.

20.º Bispo João Joaquim Bernardino de Brito (1820). Faleceu em Lisboa nesse ano, antes de ter assumido pessoalmente a direcção da Diocese.

21.º Bispo D. Francisco José Rodrigues de Andrade (1821-1834). Neste ultimo ano, em virtude dos acontecimentos politicos que então se deram, saiu para a Italia e lá faleceu.

22.º Bispo D. José Xavier Cerveira e Sousa (1844-1848).

23.º Bispo D. Manuel Martins Manso (1850-1858).

24.º Bispo D. Patricio Xavier de Moura (1859-1872)

25.º Bispo D. Aires de Ornelas de Vasconcelos (1872-1874). Faleceu em Lisboa e foi sepultado na Sé do Funchal.

26.º Bispo D. Manuel Agostinho Barreto (1877-1911). Morreu no Funchal em 1911 e jaz no adro da capela da Penha de França.

27.º Bispo D. Antonio Manuel Pereira Ribeiro, prelado diocesano em exercicio, desde o ano de 1915.

INDICE

	Pag.
I—Razões da edificação	7
II—Local e meios do custeamento	11
III—A arquitectura	16
IV—As decorações interiores...	23
V—Periodos da construção	29
VI—Objectos artísticos.	34
VII—Benção e sagração.	39
VIII—Pessoal Eclesiástico	42
IX—Sepulturas.	48
X—Arquivo e galeria de retratos	52
XI—Criação da Diocese e Prelados	55

Algumas Erratas

Pag.	12	linha	15—«almas dezenas» leia-se «algumas dezenas»
»	13	»	2—«tomou o Senador» leia-se «tomou o Senado»
»	19	»	23—«Teserminam as» leia-se «terminam as suas»
»	20	»	9—«grandeza de por» leia-se «grandeza de par»
»	»	»	23—«rcuz latina» leia-se «cruz latina»
»	21	»	37—«umseus de arte» leia-se «museus de arte»
»	22	»	5—«tem procurador» leia-se «tem procurado»
»	23	»	6—«madeira a ainda» leia-se «madeira e ainda»
»	»	»	24—«*juniperus oxvcedrus* leia-se «*juniperus oxycedrus»
»	30	»	8—«alguma das capelas» leia-se «algumas das capelas»
»	45	»	33—«ano de 1589» leia-se «ano de 1650»
»	53	»	21—«muitos restritos» leia-se «muito restritos»
»	»	»	34—«mui trechos» leia-se «muitos trechos»